

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

LÍVIA MAJOLO ROCKENBACH

**O APAGAMENTO VARIÁVEL DA VIBRANTE EM CODA SILÁBICA NA
COMUNIDADE DE FALA DE PORTO ALEGRE (RS): DA PRODUÇÃO À
PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA**

PORTO ALEGRE

2020

LÍVIA MAJOLO ROCKENBACH

**O APAGAMENTO VARIÁVEL DA VIBRANTE EM CODA SILÁBICA NA
COMUNIDADE DE FALA DE PORTO ALEGRE (RS): DA PRODUÇÃO À
PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a conclusão do
curso de Licenciatura em Letras.

Profa. Dra. Elisa Battisti

Orientadora

PORTO ALEGRE

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Rockenbach, Livia Majolo
O apagamento variável da vibrante em coda silábica na comunidade de fala de Porto Alegre (RS): Da produção à percepção e avaliação linguística / Livia Majolo Rockenbach. -- 2020.
65 f.
Orientadora: Elisa Battisti.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Sociolinguística. 2. Teoria da Variação e Mudança. 3. Vibrante em coda silábica. I. Battisti, Elisa, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Registro nestas linhas meu muito obrigada a todas e todos que contribuíram para a minha trajetória até aqui. A conquista é muito mais coletiva do que eu poderia imaginar.

Meus mais especiais agradecimentos vão aos meus pais, Juliane e Vilar, por me terem proporcionado uma vida repleta de oportunidades e privilégios e por terem me ensinado a importância da dedicação, do empenho e da coragem em qualquer situação. Vocês são a base e o início de tudo isso. Aos meus irmãos, Ângelo e Celina, por serem instantes de risada e diversão nesta vida caótica. Vocês quatro me motivam a ser cada vez melhor.

À professora Elisa Battisti, pela orientação, pelo apoio e por tudo que aprendi ao longo de mais de três anos. Obrigada por tantas trocas de conhecimento e por ter me apresentado ao prazer que é pesquisar, estudar e ensinar a (Socio)linguística. Sua dedicação para com este trabalho jamais será esquecida.

Ao CNPq, por ter financiado meus estudos enquanto bolsista de Iniciação Científica. À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que me faz ter certeza de que o ensino público, gratuito e de qualidade é um direito pelo qual sempre lutarei.

A todos os professores que passaram pela minha vida, desde aqueles que acompanharam minhas primeiras palavras até os que compartilharam conhecimento comigo nas salas do prédio de aulas do Instituto de Letras. Minhas experiências docente e discente são carimbadas por cada um de vocês. Obrigada pela oportunidade de aprender.

Às minhas amigas de infância, pelos anos de companheirismo e apoio. Aos amigos que conheci na faculdade, por compartilharem comigo os prazeres e as frustrações da graduação. Vocês, com certeza, tornaram tudo mais leve e divertido. Aos meus colegas de pesquisa, em especial meus companheiros de Iniciação Científica do LínguaPOA, obrigada pelos caminhos incríveis que traçamos juntos.

Às minhas primas Marine e Marília, por terem me acolhido e me guiado desde o início do meu percurso acadêmico em Porto Alegre. Sem vocês duas, tudo teria sido muito (muito!) mais difícil.

A todos os amigos e familiares que, direta ou indiretamente, fisicamente ou a distância, contribuíram para que eu pudesse entregar este Trabalho de Conclusão de Curso.

Vocês fazem tudo valer a pena.

RESUMO

Este trabalho investiga o processo fonético-fonológico variável de apagamento da vibrante em posição de coda silábica no português falado em Porto Alegre (RS) (*ca[r]ta ~ ca[Ø]ta*, *colhe[r] ~ colhe[Ø]*, *qualque[r] coisa ~ qualque[Ø] coisa*, *dirigi[r] ~ dirigi[Ø]*), a partir dos eixos de produção e de percepção e avaliação linguística. Para isso, as bases teóricas encontram-se na Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008 [1972]) e em teorias mais específicas, como Lambert *et al.* (1960), Giles e Billings (2004), Preston (2003) e Eckert (2004, 2005, 2008), ocupadas com a análise dos processos de percepção, atitude e avaliação linguística. A revisão de estudos variacionistas anteriores sobre essa variável (CALLOU *et al.*, 2002; MONARETTO, 2002; OUSHIRO e MENDES, 2015) sugere que o apagamento de /R/ em coda esteja em processo de crescimento em diferentes comunidades de fala brasileiras, inserido em um sistema de determinação dialetal e distribuição complementar. Definem-se duas etapas metodológicas para esta investigação, distintas e complementares entre si: a análise de regra variável e o teste-piloto *online* de percepção e avaliação linguística. Ambos os procedimentos se valem do *corpus* sociolinguístico LínguaPOA (UFRGS). A análise de regra variável se deu no *software* estatístico R, na interface RStudio, e considerou uma amostra de 16 entrevistas do LínguaPOA, realizadas entre 2016 e 2018. Os resultados para as seis variáveis linguísticas e quatro variáveis sociais controladas indicam que o apagamento da variável na comunidade de fala de Porto Alegre possui encaixamento quase puramente linguístico e encontra-se em processo de crescimento, cujo estágio de mudança varia conforme o contexto linguístico. O apagamento de /R/ em coda silábica correlaciona-se às variáveis Renda, Posição na Palavra, Contexto Fonológico Precedente, Classe Gramatical e Tonicidade, sendo que os fatores *outras palavras*, *verbo* e *sílabas tônicas* favorecem o apagamento, *renda C1*, *silaba medial* e *vogal posterior* desfavorecem o processo. Em relação ao teste-piloto de percepção e avaliação linguística, foi adotada a técnica dos estímulos pareados (LAMBERT *et al.*, 1960) para serem captadas as percepções individuais dos falantes-ouvintes porto-alegrenses por meio da seleção de cinco descritores. Os resultados confirmam a hipótese de que falares com e sem apagamento da vibrante pós-vocálica são percebidos e avaliados de forma distinta, o que sugere que a variável faça parte de um sistema de significação social. Seguiu-se, então, uma análise estilística, buscando mapear o campo indexical dos significados sociais da variável (ECKERT, 2004, 2008) às variantes. Esta mostrou que o apagamento de /R/ em coda indexa significados sociais relacionados a *personae* menos bonitas e menos jovens.

Palavras-chave: Vibrante em coda silábica; Fonologia; Variação linguística; Percepção; Estilo.

ABSTRACT

This work investigates the phonetic-phonological variable process of deletion of the vibrant in coda position in the Portuguese language spoken in Porto Alegre (RS) (*ca[r]ta ~ ca[Ø]ta*, *colhe[r] ~ colhe[Ø]*, *qualque[r] coisa ~ qualque[Ø] coisa*, *dirigi[r] ~ dirigi[Ø]*), considering both the production and the linguistic perception and evaluation axes. In this regard, the theoretical bases are set on the Theory of Variation and Change (LABOV, 2008 [1972]) and on more specific theories, such as Lambert *et al.* (1960), Giles and Billings (2004), Preston (2003), and Eckert (2004, 2005, 2008), which are focused on the analysis of the processes of linguistic perception, attitude and evaluation. The review of previous variationist studies on this variable (CALLOU *et al.*, 2002; MONARETTO, 2002; OUSHIRO and MENDES, 2015) suggests that the deletion of /R/ in coda is in progress in different Brazilian speech communities, embedded in a system of dialectal determination and complementary distribution. Two methodological steps are defined for this investigation, distinct and complementary among each other: the variable rule analysis and the online pilot-test of linguistic perception and evaluation. Both procedures draw upon the sociolinguistic *corpus* LínguaPOA (UFRGS). The variable rule analysis took place in the statistical software R, in the RStudio interface, and considered a sample of 16 interviews from LínguaPOA, carried out from 2016 to 2018. The results for the six linguistic variables and the four social variables indicate that the deletion of the variable in the speech community of Porto Alegre has almost purely linguistic embedding and is in progress, whose change stage varies according to the linguistic context. The deletion of /R/ in coda is correlated to the variables Income, Position in the Word, Preceding Phonological Context, Word Class, and Tonicity, and the factors *other words*, *verb* and *tonic syllable* favor the deletion, while *income C1*, *medial syllable* and *back vowel* disfavor the process. As for the pilot-test of linguistic perception and evaluation, it was used the matched-guise technique (LAMBERT *et al.*, 1960), in order for the individual perceptions of the speaker-listener people from Porto Alegre to be grasped by the selection of five descriptors. The results confirm the hypothesis that the application and non-application of the deletion of the postvocalic vibrant are perceived and evaluated in a distinct way, and this suggests that the variable belongs to a system of social meaning. A stylistic analysis mapping the indexical field of social meanings of the variable (ECKERT, 2004, 2008) to the variants showed that the deletion of /R/ in coda indexes social meanings related to less beautiful and less young *personae*.

Keywords: Vibrant in coda; Phonology; Linguistic variation; Perception; Style.

LISTA DE ABREVIACOES

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EPTC	Empresa Pública de Transporte e Circulação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
LínguaPOA	Acervo de entrevistas sociolinguísticas de Porto Alegre
NURC	Projeto Norma Culta Urbana
ObservaPOA	Observatório da cidade de Porto Alegre
OP	Orçamento Participativo
PB	português brasileiro
PR	peso relativo
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
VARSUL	Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 - Mapa das zonas de atendimento dos ônibus em Porto Alegre	32
Figura 2 - Estratificação socioeconômica proposta pela versão de 2019 do Critério Brasil	33
Figura 3 - Teste <i>online</i> de percepção e atitude linguística	43
Figura 4 - Campo indexical do apagamento da vibrante em coda silábica no português de Porto Alegre (RS)	56
Gráfico 1 - Variável Classe Gramatical sobre apagamento de /R/ em coda	48
Gráfico 2 - Variável Tonicidade sobre apagamento de /R/ em coda	48
Gráfico 3 - Variável Posição na Palavra sobre apagamento de /R/ em coda	48
Quadro 1 - Os 19 fonemas consonânticos e suas séries opositivas, segundo Camara Jr. (1977)	21
Quadro 2 - Os 16 informantes do LínguaPOA selecionados para o estudo	34
Quadro 3 - Variáveis preditoras consideradas na análise	40
Quadro 4 - Texto criado para leitura do estímulo sonoro do teste-piloto	42
Quadro 5 - Dados contextuais das ocorrências de tepe retroflexo e fricativa glotal na amostra	45
Tabela 1 - Realização do R em posição medial e final, conforme Callou <i>et al.</i> (2002, p. 539)	25
Tabela 2 - Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado com efeitos mistos) do apagamento de /R/ em coda silábica no português de Porto Alegre	45
Tabela 3 - Avaliação e percepção do estímulo do falante masculino	52
Tabela 4 - Avaliação e percepção do estímulo do falante feminino	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Teoria de base	13
2.1.1 A perspectiva variacionista laboviana e suas implicações	13
2.1.2 Percepções e atitudes linguísticas	16
2.2 Revisão de literatura: a realização variável da vibrante em coda silábica	20
2.2.1 Caracterização fonológica da variável	20
2.2.2 Estudos sobre a vibrante pós-vocálica	23
3 METODOLOGIA	29
3.1 A comunidade de fala de Porto Alegre	29
3.2 O LínguaPOA e as entrevistas sociolinguísticas	31
3.3 Análise de regra variável	34
3.3.1 A amostra	34
3.3.2 Método de análise	35
3.3.3 Definição das variáveis	36
3.3.3.1 Variável-resposta	36
3.3.3.2 Variáveis preditoras	37
3.3.3.2.1 Variáveis linguísticas	37
3.3.3.2.2 Variáveis extralinguísticas	39
3.4 Teste-piloto de percepção e avaliação linguística	41
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	44
4.1 Análise de regra variável	44
4.1.1 Resultados estatísticos	44
4.1.2 A mudança linguística da variável	49
4.2 Teste-piloto de percepção e avaliação linguística	50
4.2.1 Análise estatística dos resultados do teste-piloto	50
4.2.2 Discussão dos resultados a partir de uma perspectiva estilística	55

5 CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	63
Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	63
Anexo 2: Questionário Econômico	64
Anexo 3: Roteiro de Entrevista	65

1 INTRODUÇÃO

Admitir a língua como fato essencialmente social significa conceber a ideia de que ela faz parte do comportamento social. Essa concepção, embora não totalmente ignorada em teorias anteriormente postuladas, vem ganhando mais expressão nas últimas décadas, principalmente a partir da formulação da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008[1972]), que consolidou o campo da sociolinguística variacionista em diferentes comunidades acadêmicas ao redor do mundo.

Este estudo insere-se no campo abrangido pela sociolinguística e assume como teoria de base os princípios e fundamentos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008 [1972]), que norteia a metodologia de análise e a interpretação dos resultados quali e quantitativos encontrados. Assim, a língua é aqui entendida a partir da ideia da *heterogeneidade ordenada* - se há variação na fala de uma comunidade, ela não é caótica, é sistemática e ordenada por fatores linguísticos e sociais. A proposta de Labov, de a linguística investigar a língua por meio da fala cotidiana de forma direta e objetiva, é incorporada nas análises presentes neste trabalho, a fim de desvendar as relações de variação linguística, avaliação subjetiva e estratificação social.

Nesta pesquisa, busca-se explorar o fato social da língua por meio de um recorte de variável e de comunidade de fala. Dessa forma, o estudo delimita seu tema em torno da variável apagamento da vibrante em coda silábica (*po[r]ta ~ po[Ø]ta, colhe[r] ~ colhe[Ø], qualche[r] coisa ~ qualche[Ø] coisa, dirigi[r] ~ dirigi[Ø]*) no português da comunidade de fala de Porto Alegre (RS). A exploração dessa variável se dá através de dois procedimentos teórico-metodológicos distintos e complementares: a análise de regra variável e o teste-piloto de percepção e avaliação linguística.

A análise de regra variável encontra-se essencialmente atrelada à sociolinguística laboviana e visa à definição dos encaixamentos linguístico e social do processo linguístico e ao esclarecimento do conjunto de normas de uso da comunidade, por meio do tratamento estatístico de dados linguísticos representativos. O teste-piloto de percepção e avaliação linguística, por sua vez, baseia-se, além da sociolinguística laboviana, em teorias mais específicas, como Lambert *et al.* (1960), Giles e Billings (2004), Preston (2003) e Eckert (2004, 2005, 2008). A incorporação de tais teorias ao modelo metodológico do teste-piloto desenvolvido aqui é responsável pela pressuposição de que o processo de percepção linguística, diretamente relacionado ao de atitude e de avaliação, é algo constante e tende a uma certa padronização dentro das comunidades de fala. O acesso às percepções e avaliações

dos falantes-ouvintes se dá, primordialmente, através de suas respostas espontâneas e não controladas, subjetivas ou não, a falares e a falantes. Ainda, assume-se que percepção e atitude linguística estão envolvidas em um movimento de construção de *estilo*, concebido como o conjunto de práticas por meio do qual as pessoas criam significado social. Desse modo, variação linguística é entendida como dotada de significação social, e sua investigação, portanto, caminha em direção ao esclarecimento da ordem social mais ampla.

Assim, são definidos dois objetivos específicos para este estudo, que perpassam os eixos de produção e de percepção e avaliação linguística: (1) esclarecer os fatores linguísticos e extralinguísticos correlacionados ao fenômeno fonético-fonológico de apagamento da vibrante em posição de coda no português falado na capital gaúcha; (2) captar, por meio de teste de reações avaliativas subjetivas, o padrão de percepção e atitude linguística dos moradores porto-alegrenses diante de falares com e sem apagamento da variável.

O estudo estrutura-se em cinco capítulos, dentre os quais o primeiro corresponde a esta Introdução. O segundo capítulo trata de esboçar os fundamentos teóricos utilizados, desde o que chamamos de teoria de base até a revisão de literatura, englobando a caracterização fonológica da variável vibrante pós-vocálica e a revisão de estudos variacionistas já realizados em torno dessa variável, em diferentes comunidades de fala brasileiras. O terceiro capítulo, além de definir os objetivos da pesquisa, detalha as duas análises realizadas e, para isso, apresenta o *corpus* LínguaPOA, de onde os dados linguísticos foram extraídos. No quarto capítulo, são apresentados, interpretados e discutidos os resultados de ambos os procedimentos. O quinto capítulo corresponde à Conclusão, no qual se tecem considerações finais a respeito dos achados, buscando traçarem-se caminhos, em futuras etapas e/ou investigações, que tomem contribuições deste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho é baseado nos princípios da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008 [1972], 1994, 2001), que fundamenta toda a abordagem da presente investigação, desde procedimentos metodológicos até a interpretação de resultados quanti e qualitativos. Este capítulo, dividido em subseções, discorre acerca da teoria variacionista laboviana e dos estudos de percepção e atitude linguística e apresenta uma revisão bibliográfica de alguns dos principais estudos em torno da variável vibrante em coda no português brasileiro.

2.1 Teoria de base

Esta seção discorre acerca das teorias linguísticas que baseiam a investigação deste estudo: a sociolinguística variacionista laboviana (2.1.1) e as teorias que exploram conceitos de percepção e atitude linguística (2.1.2). Vale ressaltar que, embora foquem em aspectos diferentes, as teorias não são excludentes entre si; pelo contrário, a visão aqui adotada é a de que elas atuem como complementares umas às outras.

2.1.1 A perspectiva variacionista laboviana e suas implicações

A sociolinguística variacionista, hoje amplamente reconhecida, teve em William Labov, linguista estadunidense e professor da Universidade da Pensilvânia, seu primeiro e principal nome. Labov foi responsável, na década de 1960, pelo desenvolvimento de um modelo teórico-metodológico conhecido como Teoria da Variação e Mudança, que postula uma série de princípios e fundamentos que admitem a língua como fato essencialmente social. Seus estudos em torno da centralização variável dos ditongos /aw/ e /ay/ na ilha norte-americana de Martha's Vineyard e da estratificação social de /r/ em lojas de departamento nova-iorquinas, publicados inicialmente em 1963 e 1966, respectivamente, são duas das mais célebres investigações nas quais essa teoria foi empregada.

Labov parte de ideias já apresentadas por linguistas como Antoine Meillet e questiona pressupostos de Saussure e Chomsky (LABOV, 2008 [1972]) para, finalmente, propor sua própria visão de língua. Reconhecendo as contribuições saussurianas e chomskianas para a evolução dos estudos linguísticos, Labov, no entanto, aponta inconsistências na teoria desses linguistas, principalmente no que diz respeito aos aspectos sociais da língua.

Ao definir a *langue* como a parte social da linguagem, Saussure não deixa de admitir a língua como fato social, segundo Labov. Entretanto, sua principal crítica recai sobre o fato de os estudos saussurianos não levarem em conta a fala na vida social dos indivíduos ao realizarem suas análises, limitando-se à língua por si própria. O paradoxo saussuriano (LABOV, 2008 [1972]) surge a partir disso: a observação isolada de dados de fala individual (idioleto) bastaria para a análise do sistema da língua enquanto fato social, o que para Labov é insuficiente.

Os avanços nos estudos da gramática gerativa que Chomsky garantiu, bem como o refinamento que o linguista proporcionou aos modelos estruturais linguísticos, são amplamente reconhecidos por Labov. Contudo, há inconsistência por parte do linguista gerativista na escolha por uma comunidade de fala abstrata como objeto do estudo linguístico. A decisão de considerar as intuições do falante-ouvinte como dados primordiais da linguística de Chomsky é feita a partir de duas suposições que excluem o comportamento social da análise: a primeira é a de que a estrutura linguística é uniforme e homogênea; a segunda é a de que as intuições do falante sobre sua competência são acessadas facilmente e que o exercício da metalinguagem não é um empecilho.

A exclusão do comportamento social na linguística e a noção de comunidade linguística homogênea quanto à estrutura da língua é o que movimenta Labov em direção à criação de sua própria teoria. O linguista questiona a necessidade de enquadrar sua pesquisa no termo “sociolinguística”, pois considera-o enganoso e redundante. Para ele, “parece bastante natural que o dado básico para qualquer forma de linguística geral seja a língua tal como usada por falantes nativos comunicando-se uns com os outros na vida diária.” (LABOV, 2008 [1972], p. 216-217). A sociolinguística é, antes de mais nada, a própria linguística.

Para que se entenda a proposta laboviana e o recorte de objeto de estudo, é necessário que o termo “comunidade de fala” seja conceituado. Para Labov:

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. (LABOV, 2008 [1972], p. 150)

Desse modo, conforme o autor, a linguística deve tomar como objeto a língua usada pela comunidade de fala, que inclui formas invariantes, como por exemplo a realização de /f/ e /v/ em início de sílaba em português ([f]aca, [v]aca), e formas variáveis, como a realização

de /t/ e /d/ como [t] ou [tʃ], [d] ou [dʒ] diante de /i/, também em português ([t]ipo::[tʃ]ipo, [d]ica::[dʒ]ica). Labov (2008[1972]) concentra-se nas formas variáveis e propõe analisá-las por meio de dados extraídos da fala cotidiana, de forma direta e objetiva. Apesar de reconhecer as dificuldades de seu empreendimento ao propor o trabalho com a fala, tais como a aparente agramaticalidade dos dados, as limitações da gravação e a raridade de algumas formas linguísticas no repertório cotidiano, Labov afirma que, ainda assim, é *dessa* língua que sua linguística deve se valer. A língua faz parte do comportamento social, e deslocá-la de tal condição seria incoerente com os pressupostos labovianos.

Normas compartilhadas pela comunidade de fala dirigem os processos variáveis, por isso a variação é sistemática. A estrutura e o funcionamento da língua se dão a partir do que Labov chama de heterogeneidade ordenada, e a suposta variação livre, amplamente defendida pelos neogramáticos, é efeito de aspectos do contexto linguístico e de aspectos associados aos usuários da língua. A língua é heterogênea, mas essa heterogeneidade não é aleatória: ela é regular e sistematicamente ordenada, passível de ser evidenciada por regras (variáveis) apreendidas por meio de análises empíricas que envolvam rigor no exame e na coleta de dados. Para tanto, realiza-se análise estatística ou quantitativa de regra variável:

A análise de regra variável, de natureza quantitativa, aponta não só o peso relativo dos condicionamentos estruturais e sociais da variação, mas também a tendência de o processo avançar na comunidade, regredir, ou manter-se estável. Os programas computacionais empregados realizam análise logística de regressão, para verificar a interação de diferentes fatores e seus efeitos sobre as realizações variáveis estudadas. [...] A análise de regra variável só pode ser empreendida com uma grande quantidade de dados de fala. Para obtê-los, o pesquisador realiza entrevistas sociolinguísticas: com perguntas sobre temas do cotidiano, procura estabelecer uma conversa com integrantes da comunidade de fala em estudo. Esses são seus informantes, selecionados conforme os estratos sociais controlados na análise. A conversa com cada um dos informantes é gravada para que, posteriormente, o pesquisador possa retomá-la e analisar a fala em suas formas variáveis. (BATTISTI, 2014, p. 14)

A visão de que a variação, isto é, a heterogeneidade observada na fala, seja ordenada e a ideia de que a variação numa dada sincronia seja uma etapa do processo de mudança linguística foram propostas por Weinreich *et al.* (2006 [1968]). Variação e mudança linguística são resultados de um conjunto de pressões internas e externas, isto é, de condicionamentos linguísticos, como tonicidade da sílaba, posição no sintagma etc., e sociais, como idade, ocupação, gênero do falante, que atuam contínua e concomitantemente sobre a língua e garantem sua evolução. Sendo assim, “não é possível realizar uma análise das

relações estruturais dentro de um sistema linguístico para só depois recorrer a relações externas” (LABOV, 2008 [1972], p. 214). Abandonando antigas tradições que se voltavam para as mudanças linguísticas do passado, a defesa de Labov é por uma linguística que desvende as relações de variação estilística, avaliação subjetiva e estratificação social, voltando-se para mudanças que ocorrem no presente, isto é, mudanças em andamento.

Portanto, é a alternância sistemática de formas linguísticas relacionada a condicionadores sociais e linguísticos que o linguista examina, porque ela fornece respostas para os problemas de origem, difusão e regularidade de uma mudança linguística em andamento. Nenhuma mudança é difundida no vácuo social. Porém, ainda assim é possível afirmar que os diferentes níveis de estruturação linguística apresentam condicionamentos distintos. Dentre esses níveis, o que apresenta o mais alto grau de estrutura interna é o sistema fonológico. Através da análise de regra variável, os encaixamentos linguístico e social são definidos, e o conjunto de normas de uso da comunidade é esclarecido.

2.1.2 Percepções e atitudes linguísticas

Enquanto falantes e ouvintes de uma língua, os sujeitos estão constantemente inferindo ideias, suposições e julgamentos a partir de variantes linguísticas com as quais entram em contato. Como explica Battisti (2014),

as variantes não têm, elas mesmas, um valor. Elas adquirem valor social pela associação que fazemos entre elas e seus usuários, entre elas e as situações sociais em que são empregadas, sobre as quais há um conjunto de expectativas. Bonito ou feio, superficial, sofisticado, elegante, descolado, rústico, colono, caipira, jovem, velho, entre muitos outros, são adjetivos que empregamos para qualificar as variantes, os falantes e a situação em que foram usadas, de acordo com nossa própria percepção, que é, em boa medida, a de nossos grupos. (BATTISTI, 2014, p. 13)

O processo de percepção linguística é algo constante (mas nem por isso estável) e, muitas vezes, inconsciente, sendo parte integral do processo comunicativo (GILES e BILLINGS, 2004). Aqui, retoma-se o conceito de comunidade de fala (ver seção 2.1.1) para esclarecer que, muito embora as percepções individuais sejam únicas, há normas linguísticas e sociais compartilhadas que as limitam e encaminham-nas a um certo tipo de padronização.

O conceito de *atitude* encontra-se atrelado ao de *percepção*: os sujeitos são sensíveis às variantes linguísticas a ponto de não somente percebê-las, mas também de criarem impressões sobre elas e, posteriormente, a elas reagirem, subjetivamente ou não. Vale

destacar que, assim como a produção, percepção e atitude linguística são ambas heterogêneas, não-estáticas e singulares. Além disso, os julgamentos em torno das formas linguísticas de determinado indivíduo fazem parte de um constante processo de construção social, dependente do viés cognitivo social (GILES e BILLINGS, 2004).

Preston (2003) argumenta que atitudes em relação a variedades linguísticas estão vinculadas a atitudes em relação a grupos de pessoas. Os ouvintes identificam o grupo ao qual o falante pertence com base em seu sotaque, isto é, com base em suas variantes linguísticas. Essa identificação pode acontecer abaixo ou acima do nível da consciência do ouvinte; independentemente disso, são evocadas respostas estereotipadas sobre o grupo em questão. Dito de outra forma, atributos sociais vinculados a certo grupo são transferidos a características linguísticas a ele associados (PRESTON, 2003). As pistas que os falantes oferecem por meio de seu modo de falar servem como ferramenta para os ouvintes rapidamente estereotipá-los, social e pessoalmente.

Estudar e buscar compreender as atitudes e percepções linguísticas se faz necessário na medida em que seu esclarecimento possibilita a identificação de padrões gerais de comportamento e de identidades sociais. Para isso, diferentes posições teóricas podem ser adotadas, dentre as quais o processamento do ouvinte seja, provavelmente, o modelo mais comum. Independentemente da abordagem, é necessário que o estudo seja guiado por dois objetivos que Preston (2003) considera essenciais: os esclarecimentos (i) dos fatos linguísticos de identificação e reação e (ii) das construções subjacentes que os promovem. Tais elementos, de acordo com Giles e Billings (2004), permitem o esclarecimento da ordem social mais ampla, visto que as diferenças linguísticas percebidas pelos usuários da língua refletem, também, a forma como culturas e segmentos da sociedade são vistos e interpretados.

Um dos primeiros experimentos de coleta de avaliação linguística decorrente de reações subjetivas pode ser considerado o estudo de Labov (1966) na Cidade de Nova York. Nesse estudo, foram gravadas leituras padronizadas feitas por mulheres nova-iorquinas nativas de parágrafos que continham diferentes variáveis fonológicas. Os estímulos gravados, por sua vez, foram submetidos à avaliação de nova-iorquinos de faixas etárias e *status* sociais diversos. As avaliações dos parágrafos onde a variável /r/ pós-vocálica (*car* ‘carro’, *before* ‘antes’, *here* ‘aqui’, *door* ‘porta’) foi destacada serviram para uma análise mais ampla de Labov, pois ela encontrava-se, à época da pesquisa, em realização variável condicionada ao *status* social: a pronúncia de (r) pós-vocálico era a variante de prestígio e marcador linguístico de falantes de *status* social superior.

Labov reuniu 22 frases dos parágrafos lidos pelas falantes, que intercalaram as variantes utilizadas nas leituras: ora liam o trecho inteiro realizando a pronúncia consistente de (r), ora apagando-o em algumas ocorrências. Em seguida, o linguista submeteu-as à avaliação de nova-iorquinos, tendo coletado, ao todo, mais de 200 testes. A partir do enunciado “A fala seria aceita para”, o avaliadores deveriam se colocar na posição de gerentes de pessoal e julgarem as falantes como se fossem candidatas a empregos, utilizando uma escala de adequação profissional que reunia as seguintes ocupações: personalidade da TV, secretária executiva, recepcionista, telefonista, vendedora e operária; havia, ainda, a opção “nenhuma das alternativas”.

Os resultados apontaram para a sensibilidade dos moradores nova-iorquinos em relação à variável: havia estreita relação nas avaliações entre a pronúncia consistente de (r) e o registro de profissões que ocupavam posições mais altas na escala, como personalidade da TV. Além disso, as respostas do teste indicaram reações diferentes conforme a faixa etária dos avaliadores e permitiram concluir que o reconhecimento da pronúncia de (r) como marcador de prestígio havia atingido o estágio de regularidade entre os avaliadores mais jovens, característica comum entre mudanças linguísticas prestes a serem completadas. O teste, portanto, ao mesmo tempo em que serviu para esclarecer padrões de avaliação e reação subjetiva, também traçou o caminho e a evolução de uma mudança linguística.

A técnica utilizada no estudo de Labov é conhecida como *técnica dos estímulos pareados*¹ e consiste em um instrumento amplamente utilizado em estudos de reações avaliativas subjetivas. Lambert *et al.* (1960) desenvolveram-na considerando a importância de respostas espontâneas e não controladas para o acesso a atitudes implícitas sobre a língua. A técnica é pautada no princípio de que “existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 176). Os avaliadores são submetidos a estímulos gravados, conhecidos como “pares falsos”. Cada falante da amostra grava dois (ou mais) estímulos, nos quais a única diferença está no objeto de atitude em questão (seja ele uma variante de uma variável linguística ou uma variedade da língua). A técnica permite que o avaliador tenha a impressão de estar ouvindo (e julgando) falantes distintos. O questionário respondido é capaz de medir, por meio das diferenças nas avaliações dos estímulos, as atitudes implícitas e privadas dos avaliadores, na medida em que se cria a impressão de que estão sendo avaliadas características dos falantes, e não de seus falares.

¹ Do inglês *matched-guise technique*. Traduzida também como *técnica dos falsos pares* em português.

Outro exemplo de experimento em que a técnica dos pares falsos foi empregada é o de Giles (1970). Seu estudo consistiu na análise das avaliações de 177 estudantes de 12 a 17 anos de idade sobre estímulos acústicos de 13 diferentes sotaques da língua inglesa, todos gravados pelo mesmo falante. Combinando a técnica dos pares falsos com a técnica de escala de avaliação de atitude², Giles partiu do pressuposto de que as avaliações linguísticas atingem três dimensões: estética, comunicativa e *status*. Tais dimensões são mutuamente exclusivas: algo esteticamente agradável pode não ser, necessariamente, comunicativamente inteligível ou socialmente prestigiado, por exemplo. Os resultados dos testes indicaram um padrão de avaliação entre as três dimensões, mas apontaram, também, para o fato de as variáveis sexo, idade, classe social e região de pertencimento provocarem diferenças nas avaliações de um sotaque para outro.

Eckert (2004, 2008) associa percepção e atitude linguística a um movimento de construção de estilo. A autora considera que possam ser identificadas três principais ondas na sociolinguística (ECKERT, 2005), que divergem entre si pelo foco de estudo e pela definição de *estilo*. Nesse sentido, é importante esclarecer que o conceito de *estilo* considerado pela autora encontra-se em consonância com os estudos de terceira onda, que exploram os significados sociais das variáveis. Eckert (2004) define *estilo* não como uma *coisa*, mas como uma *prática*: é a atividade pela qual as pessoas criam significado social; é a manifestação visível do significado social. A composição de estilo, por sua vez, envolve um processo conhecido como *bricolagem*, que consiste no exercício de combinação de recursos linguísticos e não linguísticos para a criação de novos significados ou para a atualização de significados já existentes.

As práticas estilísticas, isto é, a interpretação, a percepção e a produção de estilos, são um fenômeno constante e interativo e podem ser encaradas como um reflexo da ordem social mais ampla. Elas envolvem a construção de *personae estilísticas* (identidades sociais) dentro de determinada *comunidade de prática*, considerada o *locus* da construção de estilo. Uma sala de aula, um grupo de WhatsApp, um fórum *online* e até mesmo uma família, por exemplo, podem ser considerados, nos estudos de terceira onda, comunidades de prática, passíveis de serem analisadas etnograficamente, desde que os indivíduos nesses grupos sociais efetivamente interajam para alcançar um objetivo comum. As *personae* estilísticas, por sua vez, são as representações concretas do significado social de diferentes variáveis.

Eckert (2008), apoiando-se em Silverstein (2003), argumenta que a variação está envolvida em um sistema indexical. Os significados das variáveis, que não são fixos e

² Tradução possível para *attitude rating scale technique*.

precisos, são armazenados na mente-cérebro dos falantes em um campo de significados potenciais relacionados ideologicamente, denominado *campo indexical*. É neste e por este campo que as variáveis expressam significados sociais ao serem empregadas na fala, indexando indiretamente inclusive as categorias demográficas a que pertencem os falantes (classe, gênero e etnia, por exemplo). O processo de indexação é responsável pela diferenciação social das variáveis, e investigá-lo pode esclarecer a significação social da variação. Por exemplo, Battisti e Oliveira (2016), ao analisarem estilisticamente a variável *ingliding* de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre, identificaram que ela indexa significados sociais como *descolado*, *descontraído*, *desencanado*, *preguiçoso*, *com sotaque*, *morador da área central da cidade*, os quais constituem o campo indexical da variável.

2.2 Revisão de literatura: a realização variável da vibrante em coda silábica

Nesta seção, encontram-se estudos sobre a vibrante em coda silábica no português brasileiro. A primeira subseção faz referência a Camara Jr. (1977) e a Monaretto, Quednau e Hora (2001) para propor uma caracterização fonológica da variável. A segunda subseção revisita três estudos de análise de regra variável da vibrante pós-vocálica no português brasileiro (PB): Oushiro e Mendes (2015), Callou *et al.* (2002) e Monaretto (2002). Busca-se apontar os principais pontos de tais investigações, no que diz respeito à metodologia, objetivos e resultados. Acredita-se que a soma dos conteúdos das duas subseções oferece subsídios suficientes para situar teórica, metodológica e temporalmente a pesquisa aqui proposta.

2.2.1 Caracterização fonológica da variável

Por sua semelhança ortográfica, os sons de R no PB fazem parte de um grupo “denominado *rótico* ou *vibrante* na fonética e na fonologia” (MONARETTO, 2014, p. 121). A produção fonética da vibrante no PB se dá pela vibração da língua,

quer num só golpe junto aos dentes superiores, para /r'/ brando, quer, para o /r/ forte, em golpes múltiplos junto aos dentes superiores, ou em vibrações da parte dorsal junto ao véu palatino, ou em vez da língua há a vibração da úvula, ou se dá além do fundo da boca propriamente dita uma fricção faríngea. (CAMARA JR, 1977, p. 39)

Em termos fonológicos, a vibrante é um dos 19 fonemas consonânticos do PB que, conforme Camara Jr. (1977), podem ser classificados como puros ou sonânticos, dependendo do efeito auditivo causado. Os fonemas, por sua vez, são assinalados por séries opositivas, que o autor faz questão de exemplificar:

Quadro 1 - Os 19 fonemas consonânticos e suas séries opositivas, segundo Camara Jr. (1977)

	<i>Séries opositivas</i>	<i>Exemplos</i>
Consoantes puras	/p/:/b/	<i>roupa:rouba</i>
	/t/:/d/	<i>rota:roda</i>
	/k/:/g/	<i>roca:roga</i>
	/f/:/v/	<i>mofo:movo</i>
	/s/:/z/	<i>assa:asa</i>
	/s ² /:/z ² / ³	<i>acho:ajo</i>
Consoantes sonânticas	/l/:/l _h /	<i>mala:malha</i>
	/r/:/r ² /	<i>erra:era</i>
	/m/:/n/:/n _h /	<i>amo:ano:anho</i>

Fonte: Adaptado de Camara Jr. (1977, p. 37-40).

As vibrantes, assim como as laterais e as nasais, fariam parte do grupo sonântico, pelo fato de seu efeito auditivo ser composto por uma combinação do consonântico com o vocálico. No caso específico das vibrantes, essa combinação seria desencadeada por uma ressonância oral de vibração.

Monaretto, Quednau e Hora (2001) destacam o “r” como uma das consoantes que admitem variáveis no PB. Para eles, a consoante pode ser pronunciada “como vibrante ([r]ápido), fricativa velar ([x]ápido), uvular ([R]ápido) e aspirada ([h]ápido), ou como uma vibrante simples (c[r]avo, ma[r]), ou ainda como um som retroflexo ([ɻ]ápido, ma[ɻ])” (MONARETTO, QUEDNAU e HORA, 2001, p. 202). As modalidades articulatórias do “r”, contudo, estão condicionadas a duas principais circunstâncias. A primeira delas são fatores extralinguísticos, sociais e/ou geográficos, traduzidos, na maioria das vezes, na forma de dialetos. Por exemplo, o “R caipira” (tepe retroflexo), variante bastante estereotipada em diversas regiões do país, é condicionada social e geograficamente: é a variante típica de

³ No quadro, preservam-se os símbolos fonéticos originais de Camara Jr.

falantes menos escolarizados do interior do estado de São Paulo (cf. AMARAL, 1955), por exemplo, carregando em si, além da estereotipia, o peso da estigmatização social. A outra circunstância condicionadora é o contexto linguístico - mais especificamente, o ambiente fonético-fonológico -, que determina a distribuição complementar das variáveis. Por exemplo, como veremos neste trabalho, se a vibrante atua como morfema de infinitivo, em sílaba tônica, costuma ser mais frequentemente apagada; se faz parte da raiz, costuma ser preservada.

As diferentes manifestações de /r/ e /r̄/ são eventualmente subdivididas em dois grupos: sons de *r-forte* (ou vibrante múltipla) e sons de *r-fraco* (ou vibrante simples). Essa divisão fundamenta-se no grafema ‘r’, que, na escrita, representa os diferentes fones do grupo dos róticos do português, e no fato de que esse mesmo grafema representa tanto a vibrante quanto o tepe, referidos como ‘r-forte’ e ‘r-fraco’, respectivamente.

A questão do *status* fonológico da vibrante é motivo de discordância entre fonólogos brasileiros. De um lado, existem aqueles que consideram que o ‘r-forte’ e o ‘r-fraco’ constituem duas consoantes no sistema fonológico do português brasileiro; de outro, há aqueles que admitem apenas um fonema vibrante, que, para alguns, como Camara Jr. (1953), é a vibrante múltipla e, para outros, como Lopez (1979), é a vibrante simples. Monaretto, Quednau e Hora (2001), em consonância com Lopez, assumem que a unidade fonológica da vibrante tenha em seu fonema subjacente o r-fraco, sob o seguinte argumento:

a vibrante é representada na estrutura subjacente apenas por uma unidade fonológica, o r-fraco, que o sistema interpreta como r-forte, se tiver linhas duplas de associação, e como r-fraco propriamente nas demais posições, coda e grupo, em que se apresenta com ligação simples. No início de palavra, por uma regra particular, ele se converte em r-forte. (MONARETTO, QUEDNAU e HORA, 2001, p. 215)

Os autores sustentam sua posição no fato de que o número e o tipo de oposições das consoantes do PB dependem da posição ocupada na sílaba: a posição intervocálica é a que mais promove oposições, enquanto a posição pós-vocálica é a que menos as admite. A neutralização, portanto, predomina em consoantes localizadas após as vogais. Em se tratando da vibrante, Monaretto, Quednau e Hora (2001) admitem que, em contextos pré-vocálicos no início de palavra (*reto*) e pré-vocálico após consoante no interior de palavra (*h^orra*), a vibrante múltipla ocorre com exclusividade. Já em posição pós-vocálica em final de vocábulo (*do^r*, *arte*), contexto de maior variação, a vibrante simples predomina, ao menos nas variedades do Sul do Brasil. Já na posição intervocálica (*caro/carro*, *era/erra*), o uso das

vibrantes múltipla ou simples implica mudança de significado; há, portanto, oposição fonológica entre vogais.

Goldsmith (1990) propõe uma possível justificativa para a coda silábica ser um ambiente de menos contrastes fonológicos do que o restante da sílaba, pautada na ideia da Fonologia Autossegmental de *licenciamento prosódico*. O autor argumenta que a sílaba como um todo funciona como um licenciador: há mais contrastes ou distinções segmentais no *onset* e no núcleo silábico do que na coda silábica. Nesse sentido, o nó silábico (composto por *onset* + núcleo) sempre será um licenciador para todos os traços distintivos da língua, isto é, ele comporta todas as oposições entre segmentos possíveis na língua, sendo considerado um *licenciador primário*. Em contrapartida, a coda silábica, nas línguas que a possuem, funciona como *licenciador secundário*: ela licencia, geralmente, apenas um pequeno subconjunto de possibilidades de contraste da primeira metade da sílaba e um número muito menor de oposições fonológicas. Essa limitação de contraste fonológico faz com que a coda fique livre para se associar ao *onset* da sílaba seguinte e compartilhar o ponto de articulação do segmento subsequente. O fato de a coda licenciar menos contrastes/oposições que o restante da sílaba é a motivação fonológica para a grande variação de /r/ nessa posição.

2.2.2 Estudos sobre a vibrante pós-vocálica

No Brasil, a variável vibrante em coda silábica tem sido analisada, principalmente, em estudos quantitativos de análise de regra variável, determinados pelo modelo teórico-metodológico variacionista laboviano (LABOV, 2008 [1972]), em diferentes comunidades de fala. Nesta subseção, são discutidos três desses estudos: o de Oushiro e Mendes (2015), com foco no apagamento da vibrante em coda no português falado na capital paulista; o de Callou *et al.* (2002), que analisam diferentes processos de enfraquecimento consonantal (inclusive o da variável em questão) em cinco capitais brasileiras, incluindo Porto Alegre; e o de Monaretto (2002), que muito complementa o estudo proposto neste trabalho, pelo fato de ambos tomarem a variável /R/ em coda na comunidade de fala porto-alegrense.

Oushiro e Mendes (2015) buscam testar a hipótese de Weinreich *et al.* (2006 [1968]) sobre o problema do *encaixamento*, segundo o qual, nos estágios inicial e final de uma mudança linguística, há pouca ou nenhuma correlação da variável com fatores sociais. Para

isso, discutem o encaixamento social e linguístico da realização variável de (-r)⁴ em coda na comunidade de fala da cidade de São Paulo, contrastando sua realização *vs.* seu apagamento. As variantes parecem contemplar estágios distintos e, de certa forma, extremos de evolução da mudança dessa variável: quando morfema de infinitivo, seu apagamento é praticamente categórico na fala espontânea, indicando uma mudança em estágio bastante avançado; em substantivos e adjetivos, o apagamento é bem menos frequente, e pode-se considerar que a mudança está em estágio inicial.

A análise de dados da amostra de 118 entrevistas do Projeto SP2010 (MENDES e OUSHIRO, 2013)⁵ permitiu aos autores concluir que, na comunidade de fala paulistana, o apagamento de morfemas de infinitivo, em estágio final de mudança, não possui condicionamento social. Da mesma forma, em substantivos e adjetivos, o apagamento não é condicionado por fatores sociais e, na realidade, corresponde a uma variação estável. Os encaixamentos social e linguístico ocorrem apenas no estágio que os autores chamam de intermediário, quando consideradas apenas classes de palavras que não contêm o morfema de infinitivo. Dessa forma, Oushiro e Mendes comprovam a hipótese de Weinreich *et al.* (2006 [1968]) sobre os estágios extremos da variação.

Esse estudo considerou, ainda, a variável Estilo. As entrevistas do *corpus* abarcavam diferentes estilos contextuais, isto é, estilos de fala possíveis numa entrevista sociolinguística, distribuídos ao longo de um *continuum* de formalidade e definidos conforme o grau de monitoramento do falante (cf. LABOV, 2008 [1972]). A análise dessa variável (uma variável *intrafalante*, segundo os autores) apontou para um índice de apagamento de 97% em morfemas de infinitivo em contextos de conversação, estilo de fala que mais se aproxima do vernáculo, isto é, do estilo de fala casual, fora de uma entrevista sociolinguística. Em estilos mais monitorados, como leitura de lista de palavras, o índice caiu para 5%. Nesse sentido, os autores propõem que, nesse grupo de palavras, a realização de (-r) se deve tão somente a *pressões normativas supravernaculares*, pautadas no senso comum de que “se deve falar como se escreve”.

Callou *et al.* (2002) buscam esclarecer os três principais processos de enfraquecimento consonantal em posição de coda silábica no PB: a posteriorização de /R/, a vocalização de /l/ e a palatalização de /S/. Os dados desse estudo foram extraídos do *corpus* do Projeto Norma Urbana Linguística Culta (NURC), e as entrevistas consideradas foram realizadas com

⁴ Oushiro e Mendes (2015) sugerem o uso dos parênteses para fazer referência à variável, seguindo tendências de estudos variacionistas (LABOV, 1969), como forma de distingui-la da notação fonológica, entre barras //, e da notação fonética, entre colchetes [].

⁵ Página do projeto SP2010: <http://projetosp2010.fflch.usp.br/> (Acesso em 16/10/2020).

moradores de cinco capitais brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador. No caso do enfraquecimento de R (/R/ → [x]), o fenômeno, segundo os autores, não se dá somente pela posteriorização, ou seja, somente por um processo de mudança de ponto de articulação; dá-se, também, por uma mudança no *modo* de articulação. No caso da vibrante alveolar, que passa a ser produzida como tepe alveolar, há mudança de modo, chegando, posteriormente, ao estágio de apagamento.

Limitando suas análises às realizações de /R/ em posição interna da palavra (em início, meio e fim de sílaba), Callou *et al.* identificam uma nítida isoglossa separando os dialetos do Sul (para os autores, as cidades de Porto Alegre e São Paulo) do restante do país. A realização posteriorizada de /R/ - representada pelas variáveis fricativa velar, vibrante uvular e fricativa glotal surda (aspiração) - apresentou significância apenas no Rio de Janeiro, em Salvador e em Recife, com peso relativo (PR)⁶ acima de 0,90 nas três cidades. Nas duas cidades do Sul, o tepe alveolar foi identificado como a variável predominante, embora os autores não se atentem às realizações mais frequentes em cada posição da sílaba. Assim, constata-se que a realização variável de /R/ em coda apresenta, em sua essência, determinação dialetal, conforme pode ser visto na Tabela 1, onde as capitais são identificadas por siglas (RJ=Rio de Janeiro, SP=São Paulo, POA=Porto Alegre, RE=Recife, SSA=Salvador), e as maiúsculas M e F correspondem, respectivamente, a Masculino e Feminino.

Tabela 1 - Realização do R em posição medial e final, conforme Callou *et al.* (2002)

	Fricativa velar %		Aspiração %		Flap alveolar %		Apagamento %		Vibrante alveolar %		Vibrante uvular %	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
RJ	54	22	32	12	7	15	3	47	0	0	4	4
SP	2	0	0	0	87	41	2	49	3	7	1	1
POA	3	1	1	0	83	57	4	37	2	2	0	0
RE	38	17	56	18	1	14	3	49	0	0	2	1
SSA	55	18	40	10	2	10	2	61	0	0	1	0

⁶ Na análise quantitativa variacionista realizada por esses autores com os programas do pacote VARBRUL ou sua versão para o sistema Windows denominada Goldvarb, “além de proporções de aplicação da regra, expressas em porcentagens, os resultados da análise de regra variável são valores de peso relativo, compreendidos no intervalo de 0 a 1: valores em torno de 0,5 indicam a neutralidade do fator em relação ao processo estudado, valores abaixo de 0,5 indicam que o fator não condiciona (desfavorece) o processo, valores acima de 0,5 indicam que o fator condiciona (favorece) o processo” (BATTISTI, 2014, p. 14).

Fonte: Adaptado de Callou *et al.* (2002, p. 539)

O estudo chegou a outras conclusões interessantes. A variável Gênero, por exemplo, se mostrou significativa em relação à posteriorização: em Porto Alegre, e mesmo em dialetos nos quais esse processo é praticamente categórico, a frequência de realização de posteriorização é maior em falantes femininos. Os autores sugerem, ainda, a hipótese de que a posteriorização nos dialetos do Sul seja bloqueada pela ocorrência de um outro processo: a redução da tensão consonantal, responsável pela mudança da vibrante para tepe alveolar. O processo de enfraquecimento é retomado pelos autores para chegar à conclusão de que ele ocorre tipicamente na posição intervocálica e em final de vocábulo e de sílaba. Os autores discutem a possibilidade de explicar o enfraquecimento em decorrência de um processo de sonorização, isto é, de um aumento de sonoridade das consoantes. Contudo, quando se toma a escala de hierarquia de complexidade do som na aquisição da linguagem (JAKOBSON, 1968), na qual as realizações menos sonoras aparecem no topo da complexidade, Callou *et al.* concluem que “as mudanças na pronúncia do R são mais bem explicadas em termos de uma simplificação articulatória de sons complexos do que de um processo de enfraquecimento mensurável pela escala de sonoridade” (CALLOU, LEITE e MORAES, 2002, p. 549).

O estudo de Monaretto (2002) apresenta um diferencial em relação aos já citados nesta seção: sua amostra é composta de entrevistas coletadas em três períodos de tempo distintos. Desse modo, Monaretto pôde realizar não somente uma *análise em tempo aparente*, comparando o uso da vibrante pós-vocálica por informantes de diferentes grupos etários, mas, também, uma *análise em tempo real* (LABOV, 1994), comparando o uso da variável pelos mesmos informantes (ou por informantes de perfil social similar) ao longo do tempo. Para isso, usa dados de entrevistas realizadas com pelo menos uma década de diferença entre si: 12 entrevistas datadas de 1970, do Projeto NURC; 12 entrevistas de 1989, pertencentes ao Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil)⁷; e 12 do ano 1999, também reunidas pelo VARSUL.

Aos serem comparadas as realizações de /r/ em 1970 com 1999, isto é, ao se analisar a mudança da variável em um intervalo de quase 30 anos, Monaretto identificou queda na realização de tepe alveolar e aumento de apagamento. Em 1970, o índice de apagamento era 16%; já em 1999, esse índice subiu para 40%. As variantes fricativa velar e tepe retroflexo apresentaram variação estável, enquanto a vibrante alveolar teve sensível decréscimo. Diante desses resultados, a autora afirmou que o apagamento da vibrante pós-vocálica estaria em

⁷ Página do Projeto VARSUL: <http://www.varsul.org.br/> (Acesso em 16/10/2020).

processo de crescimento, tomando o lugar do tepe, e que a fala de Porto Alegre estaria se aproximando da de outros dialetos brasileiros, nos quais o processo encontrava-se em estágios mais avançados de mudança.

O trabalho de Monaretto esclareceu, também, o padrão de apagamento da variável dependente em relação a algumas variáveis independentes inicialmente consideradas em sua análise. No final dos anos 1990, por exemplo, o apagamento de 40% era favorecido em sílaba final e em verbos. A autora associa esse padrão ao apagamento frequente em morfemas de infinitivo, que já havia sido atestado em estudos anteriores. A perda do morfema “se deve ao fato de que o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são redundantemente marcados em português pela presença do r-final e pela tonicidade” (MONARETTO, 2002, p. 261). Assim, Monaretto conduziu uma análise somente dos contextos de /r/ em posição final de verbos no infinitivo nas amostras dos três períodos de tempo. Os resultados permitiram inferir que, nesses casos, o apagamento é favorecido em mulheres (PR 0,58), em palavras com até duas sílabas (PR 0,54) e em casos onde a vogal precedente é posterior (PR 0,54). A taxa encontrada de apagamento em posição final de verbos foi 78%.

A variável Faixa Etária, dividida entre os fatores 25-39 anos, 40-54 anos e 55 em diante, apresentou resultados estatísticos diferentes entre as amostras da década de 1970 e de 1999, nas quais a taxa de apagamento decresceu à medida que a faixa etária aumentava, quando comparadas com a amostra do final da década de 1980, em que o comportamento ao longo das faixas etárias foi o inverso. Criou-se a pressuposição da interferência da variável escolaridade, não considerada por Monaretto, já que os informantes da amostra de 1989 eram os únicos que não possuíam grau de escolarização de nível superior. Mesmo assim, o fato de a amostra de dados mais recente ter apresentado um comportamento no qual os informantes jovens apagavam a variável mais frequentemente que os informantes mais velhos serviu para Monaretto reafirmar que o apagamento da vibrante em coda silábica está envolvido em mudança em progresso.

Os estudos acima revisados levam a crer que a realização variável de /R/ em coda silábica e, particularmente, o seu apagamento, estão inseridos em um sistema de determinação dialetal e distribuição complementar que privilegia certas formas linguísticas em detrimento de outras, em certos contextos linguísticos. Além disso, eles permitem pensar que o apagamento dessa variável seja processo de mudança, cujo estágio de progresso varia nos diferentes dialetos brasileiros e a depender dos condicionadores envolvidos. Essas

constatações motivam a realização deste estudo, cujos objetivos e procedimentos metodológicos são apresentados no capítulo a seguir.

3 METODOLOGIA

O estudo aqui desenvolvido estrutura-se em torno de dois objetivos gerais. O primeiro deles é contribuir para esclarecer o padrão sociolinguístico de apagamento variável da vibrante em coda silábica no português falado em Porto Alegre, com base em uma amostra de fala representativa coletada a partir de 2016 - mais recente, portanto, do que a de estudos anteriores já realizados nessa comunidade de fala em torno dessa variável. O segundo é explorar o significado social da variação da variável em questão, na comunidade de fala de Porto Alegre, em termos de sua realização vs. seu apagamento, partindo-se da pressuposição de que se pode acessá-lo através de percepções e atitudes linguísticas dos falantes-ouvintes, e associá-lo a processo(s) de construção de estilo.

Em termos específicos, objetiva-se:

- (a) Esclarecer os fatores linguísticos e extralinguísticos correlacionados ao fenômeno fonético-fonológico de apagamento da vibrante em posição de coda no português falado na capital gaúcha;
- (b) captar, por meio de teste de reações avaliativas subjetivas, o padrão de percepção e atitude linguística dos moradores porto-alegrenses diante de falares com e sem apagamento da variável.

O presente estudo contempla duas análises, distintas entre si pelos procedimentos adotados e pelo tipo de resultado alcançado. São elas: análise de regra variável e teste(-piloto) de percepção e avaliação linguística. Ambas relacionam-se às entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA, acervo cuja constituição vincula-se ao projeto de pesquisa da Profa. Dra. Elisa Battisti (UFRGS) no CNPq, intitulado “Variação linguística e significados sociais no português falado em Porto Alegre (RS)”, e do qual participei como bolsista de Iniciação Científica até agosto de 2020 e sigo integrando como membro da equipe de pesquisadores.

Este capítulo relata os procedimentos metodológicos adotados na investigação. Contudo, faz-se necessário, primeiramente, discorrer acerca do acervo de entrevistas que abriga a amostra de dados aqui utilizada, além de esclarecer aspectos sócio-históricos da comunidade de fala investigada, Porto Alegre.

3.1 A comunidade de fala de Porto Alegre

O povoamento do território que hoje compreende o município de Porto Alegre iniciou-se em 1752⁸, com o Tratado de Madri, que incentivou a imigração de 60 casais açorianos à região. A data oficial de fundação da capital dos gaúchos, no entanto, é 26 de março de 1772, com a criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais. O *status* de cidade é ainda mais recente: Dom Pedro I concedeu-lhe esse estatuto em 1821. Sua expansão mais significativa começou a partir do século XX, quando Porto Alegre começou a se destacar política e economicamente no cenário nacional.

Segundo dados do IBGE⁹, a população da capital no último Censo (2010) era de cerca de 1.409.351 habitantes, representando 13,2% de toda a população gaúcha, e a população estimada para 2020 é de 1.488.252 pessoas. 79,23% dos moradores autodeclararam-se brancos no último Censo, enquanto a população residente autodeclarada negra foi 20,24%. Porto Alegre é a capital brasileira com a maior proporção de idosos. Eles correspondem a cerca de 15,04% dos habitantes da cidade e se destacam por serem o grupo populacional em maior crescimento.

Apesar de contar com 17 regiões de Orçamento Participativo (OP)¹⁰, a divisão mais comum da cidade no imaginário porto-alegrense é a que distribui os 495,390 km² e os 81 bairros oficiais da cidade em 4 zonas: central, norte, sul e leste, conforme é explicado mais adiante neste capítulo (seção 3.2). A zona central é assim denominada não por sua localização geográfica, mas por movimentos históricos que a tornam, atualmente, um centro econômico e cultural. Às margens do Guaíba, a região central e, mais especificamente, o bairro Centro Histórico, foi responsável pelo início do povoamento e da concentração de serviços administrativos.

Os números dos últimos três Censos deixam claro o desenvolvimento socioeconômico de Porto Alegre. Segundo o site do Atlas do Desenvolvimento Humano¹¹, que, por sua vez, coleta dados do IBGE, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) da capital gaúcha saltou de 0,660 em 1991 para 0,744 em 2000 e 0,805 em 2010, indicando o avanço do

⁸ As informações históricas apresentadas nesta seção foram extraídas de *sites* oficiais de Porto Alegre, tais como http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_de_porto_alegre.pdf, <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/historico>, <http://portoalegremanalise.procempa.com.br/> e <https://prefeitura.poa.br/gp/projetos/conheca-porto-alegre> (Acesso em 16/10/2020).

⁹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama> (Acesso em 16/10/2020).

¹⁰ De acordo com o *blog* Politize!, “o orçamento participativo é um mecanismo governamental de democracia participativa que permite aos cidadãos influenciar ou decidir sobre os orçamentos públicos, geralmente o orçamento de investimentos de prefeituras municipais para assuntos locais, através de processos de participação da comunidade. Os resultados costumam ser obras de infraestrutura, saneamento, serviços para todas as regiões da cidade. [...] Em 1989, um ano após a promulgação da nova constituição brasileira, a prefeitura de Porto Alegre (RS) instituiu o primeiro orçamento participativo.” Disponível em: <https://www.politize.com.br/orcamento-participativo-como-funciona/> (Acesso em 24/10/2020).

¹¹ Site do Atlas: <http://www.atlasbrasil.org.br/> (Acesso em 16/10/2020).

município em relação aos indicadores Longevidade, Educação e Renda. Os Censos de 1991 e 2010 também apontam que, durante esse período, a renda *per capita* da cidade passou de R\$ 1.021,93 para R\$ 1.758,27. Além disso, a porcentagem da população acima de 18 anos com ensino médio completo aumentou mais de 17%, passando de 40,21% em 1991 para 57,63%. Em relação à população de 25 anos ou mais com ensino superior completo, os 16,17% de 1991 saltaram para 25,93% em 2010. Em suma, Porto Alegre acompanha fenômenos de crescimento socioeconômico observados em outras capitais brasileiras, e a tendência é que os dados do próximo Censo sigam nessa direção de crescimento. As estatísticas aqui apontadas sugerem que as mudanças socioeconômicas do município possam ter sido acompanhadas por alterações no perfil da própria comunidade de fala porto-alegrense nas últimas décadas.

3.2 O LínguaPOA e as entrevistas sociolinguísticas

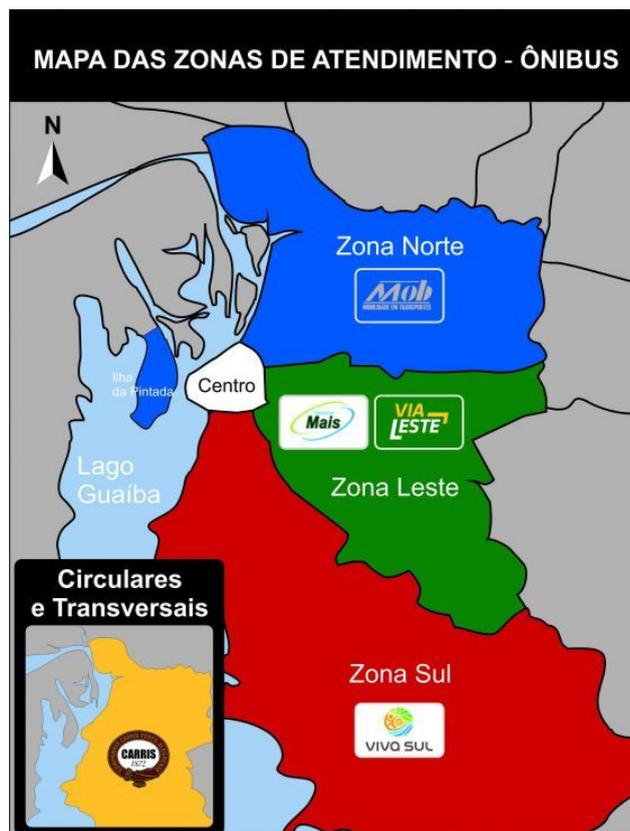
O LínguaPOA¹² é um acervo em construção de entrevistas sociolinguísticas, transcritas e em áudio, que registra a(s) fala(s) porto-alegrense(s). O *corpus* é um dos resultados dos projetos “Variação Fonético-Fonológica e Classe Social na Comunidade de Fala de Porto Alegre”, desenvolvido entre 2015 e 2019, e “Variação linguística e significados sociais no português falado em Porto Alegre (RS)”, que vem sendo desenvolvido desde 2019 no Instituto de Letras da UFRGS. Ambos os projetos são coordenados pela Profa. Dra. Elisa Battisti e financiados pelo CNPq, com a devida aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (ver Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos informantes). Um dos principais objetivos do acervo é sua disponibilização à comunidade acadêmica, de modo que ele possa circular e se fazer útil em pesquisas linguísticas, sociais, históricas e culturais de diferentes pesquisadores e instituições de ensino.

As entrevistas reunidas no acervo são feitas com informantes de perfis distintos conforme a estratificação da amostra, mas que convergem entre si pelo fato de morarem e terem nascido em Porto Alegre ou, então, terem-se mudado para a cidade ainda jovens. As entrevistas estão distribuídas em informantes dos dois gêneros binários (masculino e feminino), de três faixas etárias (20 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos ou mais), de três níveis de escolaridade (fundamental, médio e superior) e das quatro zonas da cidade. Quanto a este último critério, observado pelo grupo de pesquisa do LínguaPOA desde Rosa (2014), utiliza-se o mapa de circulação dos ônibus urbanos da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), que divide a cidade em quatro zonas: central, leste, norte e sul. O uso

¹² Site do LínguaPOA: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/> (Acesso em 16/10/2020)

desse mapa para situar os informantes no território de Porto Alegre justifica-se pelo fato de ele coincidir com o imaginário comum que os porto-alegrenses utilizam para sua própria localização na cidade e para a delimitação de quatro regiões distintas.

Figura 1 - Mapa das zonas de atendimento dos ônibus em Porto Alegre¹³



O *corpus* do LínguaPOA abriga dois representantes de cada um dos perfis criados a partir da combinação dos critérios anteriormente citados: um morador de algum bairro de renda baixa e um de renda alta em cada uma das quatro zonas. A escolha dos bairros se deu pelo critério de renda média domiciliar mensal das famílias residentes nos bairros, conforme o ObservaPOA¹⁴.

Já a renda média mensal do domicílio do informante, embora não utilizada para a definição das células sociais que compõem o *corpus*, é registrada pela equipe do LínguaPOA na Ficha de Entrevista de cada informante, como informação adicional. É definida a partir do

¹³ Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/eptc/default.php?p_noticia=184625 (Acesso em 16/10/2020).

¹⁴ Observatório da Cidade de Porto Alegre. Disponível em: <http://www.observapoa.com.br/> (Acesso em 16/10/2020).

Questionário Econômico (Anexo 2), preenchido no momento da entrevista, e estratificada conforme a divisão econômica proposta pelo Critério Brasil.

Figura 2 - Estratificação socioeconômica proposta pela versão de 2019 do Critério Brasil¹⁵

Estrato Sócio Economico	Renda média domiciliar
A	23.345,11
B1	10.386,52
B2	5.363,19
C1	2.965,69
C2	1.691,44
D-E	708,19
TOTAL	2.908,32

Chega-se, assim, a um total de 144 células, das quais 103 encontram-se atualmente preenchidas. Todas as células ainda não preenchidas são de informantes de nível de escolaridade fundamental, dada a dificuldade em encontrar e contatar moradores de Porto Alegre que obedeçam a tal critério. As próximas etapas do projeto incluem localizar tais informantes e realizar as entrevistas restantes.

Os áudios das entrevistas são registrados com gravador digital GH-609, e os materiais - fichas documentais e arquivo de áudio - são armazenados em um *drive* da pesquisadora responsável. Com duração média de 50 minutos, as entrevistas seguem um roteiro previamente estruturado (Anexo 3), com tópicos de discussão que abrangem desde família, lazer e rotina até opiniões políticas e sociais e impressões sobre a cidade. O roteiro, no entanto, é flexível e busca facilitar o acesso do entrevistador à fala mais espontânea e menos automonitorada do entrevistado. Busca-se contornar o *paradoxo do observador* (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 2006) e estabelecer uma conversa que rompa com os constrangimentos formais de uma entrevista com desconhecidos, que comumente “esconde” o vernáculo do indivíduo. Dessa forma, o roteiro é desenvolvido a partir do princípio de que a entrevista deva ser guiada pelo próprio entrevistado, e que este deva ser encorajado a recriar emoções fortes, evocar recordações familiares marcantes, expressar opiniões de cunho pessoal. O papel do entrevistador, conforme pude constatar enquanto uma das entrevistadoras do LínguaPOA em minha experiência de Iniciação Científica, é, mais do que propor

¹⁵ Disponível em: http://www.abep.org/criterioBr/01_cceb_2019.pdf (Acesso em 16/10/2020).

perguntas, decifrar quais tópicos de discussão conferem ao seu interlocutor a fala menos monitorada possível.

3.3 Análise de regra variável

Esta seção esclarece aspectos que envolvem a análise de regra variável, tais como a amostra selecionada (3.3.1), as etapas metodológicas (3.3.2) e as variáveis controladas (3.3.3).

3.3.1 A amostra

A seleção dos informantes para o estudo levou em consideração a hipótese de Monaretto (2002) sobre uma possível influência da variável Escolaridade no apagamento variável da vibrante pós-vocálica. Assim, foram selecionadas entrevistas sociolinguísticas de 16 informantes do LínguaPOA, todos da primeira faixa etária de estratificação (20 a 39 anos)¹⁶, distribuídos em dois níveis de escolaridade (ensino médio e ensino superior), dois gêneros (feminino e masculino) e quatro zonas da cidade (central, leste, norte e sul), sendo cada célula preenchida por um informante. As 16 entrevistas foram realizadas entre janeiro de 2016 e setembro 2018.

Quadro 2 - Os 16 informantes do LínguaPOA selecionados para o estudo

<i>Inf.¹⁷</i>	<i>Gênero</i>	<i>Zona¹⁸</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Renda média mensal domiciliar do informante</i>
2	Masculino	Central	Médio	A
3	Masculino	Central	Superior	A
5	Feminino	Central	Médio	A
6	Feminino	Central	Superior	B1
38	Masculino	Norte	Médio	A

¹⁶ À época em que se iniciou a análise do presente TCC, ainda na Iniciação Científica, o acervo do LínguaPOA estava em constituição. O grupo etário escolhido era o que apresentava entrevistas já realizadas para todas as variáveis sociais observadas no presente estudo (escolaridade, gênero, zona), garantindo uma amostra equilibrada de dados.

¹⁷ Número de identificação do informante no LínguaPOA.

¹⁸ A escolha das cores usadas para identificar cada zona parte da identidade visual das empresas de transporte coletivo urbano. Como explicado na seção 3.2, o LínguaPOA adota a divisão em zonas observada por essas empresas para situar os informantes no território de Porto Alegre (ver figura da página 32).

41	Feminino	Norte	Médio	A
42	Feminino	Norte	Superior	A
57	Masculino	Norte	Superior	B2
75	Masculino	Leste	Superior	A
77	Feminino	Leste	Médio	A
78	Feminino	Leste	Superior	A
92	Masculino	Leste	Médio	C1
110	Masculino	Sul	Médio	B1
113	Feminino	Sul	Médio	B2
129	Masculino	Sul	Superior	B1
132	Feminino	Sul	Superior	A

Fonte: autoria própria.

3.3.2 Método de análise

Os dados usados na etapa de análise de regra variável foram levantados de oitava das dezesseis entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA e registrados na planilha de dados (*dataframe*), de modo que pudessem ser codificados a partir da variável-resposta (apagamento de /R/ em coda silábica) e das variáveis predictoras (linguísticas e extralinguísticas), definidas na seção 3.3.3. Foram considerados 20 minutos de áudio de cada entrevista, pela grande quantidade de dados da variável em questão disponíveis nas entrevistas. Os primeiros cinco minutos foram ignorados, assumindo-se a hipótese de que o falante pudesse estar monitorando demasiadamente sua fala no início da gravação. Desse modo, foram extraídos os dados entre o minuto 5 e o minuto 25 de cada entrevista. Dados cujo contexto sonoro se mostrava duvidoso ou pouco audível foram desprezados, assim como os raros (porém significativos) dados em que a realização da variável não se dava pelas variantes tepe alveolar ou apagamento¹⁹.

Por se tratar de um método *quantitativo* de análise, os dados codificados foram submetidos à análise estatística, para verificar quais variáveis predictoras correlacionam-se ao

¹⁹ Inicialmente, a análise registrou todas as variantes de /R/ realizadas em coda na amostra: além de apagamento e tepe, observaram-se ocorrências de tepe retroflexo e fricativa glotal. No entanto, a quantidade dessas duas últimas variantes foi muito pequena. Em 4.1.1 adiante, veremos que, dos 2860 dados levantados, apenas 1 foi de fricativa glotal e somente 6 de tepe retroflexo, razão pela qual decidiu-se desprezar as ocorrências de tepe retroflexo e fricativa glotal e centrar a análise na variação entre tepe alveolar e apagamento.

apagamento. A análise estatística foi realizada no programa R, na versão 3.6.0, mais especificamente na plataforma RStudio, uma das interfaces do programa. Para tanto, a variável linguística foi tratada a partir de uma análise binomial, em que foram contrastados apagamento e tepe alveolar. A variável-resposta (ou dependente) selecionada foi o apagamento de /R/ em coda silábica. A análise estatística se deu em duas etapas. A etapa 1 consistiu no *teste de qui-quadrado* (de Pearson) de todas as variáveis preditoras (ou independentes) inicialmente consideradas. Além de essa etapa fornecer resultados absolutos e percentuais de aplicação da variável-resposta para cada fator (variante), os resultados de valor-p permitiram verificar a existência de diferença (significativa) entre a proporção de aplicação do processo por fator de cada variável. A etapa 2, por sua vez, voltou-se à *análise multivariada de regressão logística, modelo linear de efeitos mistos*, a partir da função *glmer* do R. Nesse modelo, incluíram-se todas as variáveis que apresentaram valor-p significativo (igual ou menor do que 0,05) no teste de qui-quadrado (etapa 1); estas foram incorporadas ao modelo como variáveis de efeitos fixos. As variáveis Informante e Palavra foram incorporadas como variáveis aleatórias, de modo que se pudesse minimizar um possível efeito estatístico de palavras muito repetidas ou de características individuais dos informantes nos resultados alcançados.

3.3.3 Definição das variáveis

3.3.3.1 Variável-resposta

A variável-resposta é o apagamento da vibrante em posição de coda silábica, em interior ou final de palavra: *po[r]ta ~ po[Ø]ta*, *colhe[r] ~ colhe[Ø]*, *qualque[r] coisa ~ qualque[Ø] coisa*, *dirigi[r] ~ dirigi[Ø]*. O apagamento da variável foi contrastado com a realização do segmento, isto é, com o não apagamento. Consideraram-se apenas dados em que /R/ em coda era realizado variavelmente ou como tepe alveolar, ou como apagamento, visto que estas foram as variáveis identificadas como mais frequentes na amostra em etapas anteriores do estudo, desenvolvidas durante o ano de 2019²⁰. Contudo, os raros dados de realização de outras variantes não foram ignorados, apenas não entraram para a análise estatística, e serão apresentados no capítulo seguinte.

²⁰ Os resultados dessa etapa foram apresentados em ROCKENBACH (2019).

3.3.3.2 Variáveis preditoras

As variáveis preditoras controladas foram definidas com base em estudos anteriores (MONARETTO, 2000, 2002; CALLOU, LEITE e MORAIS, 2002; OUSHIRO e MENDES, 2014) e a partir de hipóteses sobre fatores que pudessem ter efeito sobre o processo de apagamento. Assim, foram definidas 6 variáveis preditoras linguísticas e 4 variáveis preditoras extralinguísticas (ou sociais).

3.3.3.2.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas controladas foram:

a) Posição na Palavra

Os fatores controlados nessa variável foram posição medial (*corte*, *furto*) e sílaba final (*jantar*, *altar*). A hipótese é que sílabas finais atuam como favorecedoras de apagamento, como aponta a análise de Monaretto (2002), e se associam ao processo de apagamento frequente em morfemas de infinitivo.

b) Contexto Fonológico Precedente

A variável Contexto Fonológico Precedente foi controlada através dos fatores vogal anterior (*arte*, *mulher*, *manter*, *vir*) e vogal posterior (*morte*, *propor*, *curso*). Os estudos revisados não apontam para um consenso em relação a essa variável: Monaretto (2002) identifica as vogais posteriores como favorecedoras de apagamento em verbos no infinitivo, enquanto Oushiro e Mendes (2015) sugerem que o traço [+anterior]²¹ favoreça o apagamento em adjetivos e substantivos.

c) Contexto Fonológico Seguinte

Inicialmente, os fatores controlados eram: oclusiva (*parte*²², *por causa*), fricativa (*parcial*), lateral (*parlamento*), vibrante (*qualquer rua*), nasal (*carne*, *mármore*) vogal (*ir a pé*) e pausa (*mar#*). Nos modelos estatísticos preliminares, no entanto, verificou-se a necessidade de amalgamação pelo baixo número de dados em alguns dos fatores, de modo

²¹ Oushiro e Mendes (2015) controlam a variável contexto fônico precedente por meio dos traços [±anterior] e [±alto].

²² Nesta análise, o contexto fonológico sobrepõe-se à realização fonética, mesmo quando palavras como “parte” são pronunciadas com [tʃ].

que os fatores finais controlados foram: oclusiva, fricativa, vogal, pausa e soante, esta última amalgamando os fatores iniciais lateral, vibrante e nasal. Embora não se tenha uma hipótese definida a respeito dessa variável, Oushiro e Mendes (2015) identificam o traço [+contínuo] (que corresponde aos fatores líquida lateral e fricativa desta análise) como favorecedor de apagamento quando morfemas de infinitivo são desconsiderados da análise.

d) Classe Gramatical

Em Classe Gramatical, controlaram-se, inicialmente, os fatores verbo (*cair*), gerúndio (*partindo*), particípio (*curtido*), substantivo (*dor*), adjetivo (*curta*, *norte*), nome pessoal (*UFRGS*, *Porto Alegre*), outras palavras (*porque*, *por*) e numeral (*catorze*, *quarto*). Análises preliminares indicaram a necessidade de reorganizar tais fatores, de forma a amalgamá-los em grupos mais bem equilibrados em termos de número de dados. Assim, controlaram-se os fatores verbo (flexionados e nas formas nominais), não-verbo (adjetivos, substantivos e nomes próprios) e outras palavras (advérbios, conjunções, pronomes e preposições). Com exceção de palavras já bastante consolidadas no léxico do PB - de acordo com o dicionário *online* Dicio (DICIO, 2020)²³ -, como, por exemplo, *internet*, vocábulos estrangeiros (*Star Wars*, *car speed*) foram excluídas da análise. Acredita-se que verbos atuem como favorecedores de apagamento, conforme atestado em Monaretto (2002). Além disso, tem-se a hipótese de que em palavras mais gramaticais, como conjunções, preposições e advérbios, o apagamento de /R/ em coda seja mais frequente do que em palavras “de conteúdo”, como adjetivos e substantivos (OUSHIRO e MENDES, 2015).

e) Número de Sílabas

Os fatores controlados em Número de Sílabas foram: monossílabo (*vir*, *mar*), dissílabo (*formol*, *vencer*), trissílabo (*acordo*, *transporte*) e polissílabo (*apartamento*, *proporcionar*). O controle dessa variável busca verificar se palavras de até duas sílabas favorecem o apagamento, conforme sugerido por Monaretto (2002) em sua análise com verbos no infinitivo.

f) Tonicidade

Controlou-se a variável Tonicidade pelos fatores sílaba átona (*armazém*, *irmão*) e sílaba tônica (*melhor*, *cor*). Cabe esclarecer que o item lexical *por* (preposição), bastante frequente na amostra, foi classificado como átono, devido à sua natureza enquanto elemento

²³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> (Acesso em 16/10/2020).

clítico, que o destitui de acento e o torna dependente da palavra seguinte (BISOL, 2001). Acredita-se que sílabas finais favoreçam o apagamento, justamente por este ser um fator constante em morfemas de infinitivo.

3.3.3.2.2 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas, também chamadas variáveis sociais, controladas foram:

a) Gênero

Controlaram-se os fatores gênero feminino e gênero masculino, categorização utilizada no *corpus* do LínguaPOA. O controle dessa variável busca testar a hipótese de que falantes do gênero feminino aplicam a regra de apagamento mais frequentemente. Procura-se verificar a aplicação ou a não aplicação no processo de apagamento dos pressupostos de Labov (1990) quanto ao comportamento de homens e mulheres frente a mudanças linguísticas: (i) mudanças incipientes são aceleradas por falantes femininos e retardadas por falantes masculinos e (ii) mulheres lideram homens na rejeição às mudanças linguísticas à medida que passam a ser reconhecidas na comunidade de fala.

b) Zona

Conforme a estratificação utilizada no LínguaPOA, os fatores controlados em Zona são: zona central, zona leste, zona norte e zona sul. O controle da renda média domiciliar do bairro do informante não foi considerado na análise. Um possível condicionamento da aplicação do processo linguístico à zona de residência do informante pode levantar a hipótese de que o apagamento de /R/ em coda silábica, além de ser um processo variável cujo comportamento se modifica nas diferentes regiões de Porto Alegre, é linguisticamente avaliado e percebido distintamente nessas zonas.

c) Escolaridade

Em Escolaridade, foram controlados os fatores ensino médio e ensino superior, no qual foram classificados indivíduos com esse nível de escolaridade completo ou em vias de ser concluído. O fator ensino fundamental não pôde ser controlado devido ao número ainda escasso de informantes no LínguaPOA desse nível de escolaridade e dentro da faixa etária de 20 a 39 anos. O controle dessa variável busca testar a hipótese de Monaretto (2002), explanada na seção 2.2.2. A escolha por essa variável também é motivada por Oushiro e

Mendes (2015), que observaram que, na análise de morfemas de infinitivo, quando desconsiderada a variável Estilo, a variável Nível de Escolaridade passa a ser selecionada pelo programa estatístico. Os autores afirmam que, ainda que as taxas de apagamento sejam altas em todos os níveis de escolaridade, “note-se que a realização de (-r) entre os falantes menos escolarizados (1,5%) é cerca de 2,5 vezes menor do que entre falantes mais escolarizados (3,7%). Tal diferença se reflete na seleção da variável como relevante para a variação” (OUSHIRO e MENDES, 2015, p. 258).

d) Renda

Diferentemente das outras variáveis sociais, não houve controle prévio da renda dos informantes na estratificação do LínguaPOA, tampouco na seleção dos informantes para o presente estudo. O controle dessa variável pautou-se em informações de estratificação econômica registradas nas Fichas de Entrevista e deu-se a fim de que se testasse sua possível relação com Escolaridade, caso ambas as variáveis fossem selecionadas como estatisticamente significativa pelo programa. Assim, a amostra aqui selecionada foi formada por dados de 10 informantes do estrato socioeconômico A, 3 do B1, 2 do B2 e 1 do C1.

O Quadro 3 resume as variáveis preditoras linguísticas e sociais consideradas na análise.

Quadro 3 – Variáveis preditoras consideradas na análise

<i>Variáveis linguísticas</i>	<i>Variáveis extralinguísticas</i>
Posição na Palavra Medial: <i>con<u>vers</u>a, <u>por</u>que</i> Final: <i>fa<u>l</u>ar, <u>tamb</u>or</i>	Gênero Feminino Masculino
Contexto Fonológico Precedente Anterior: <i>ar<u>t</u>igo, mul<u>h</u>er, traze<u>r</u>, vi<u>r</u></i> Posterior: <i>transpo<u>r</u>te, sup<u>o</u>r, cur<u>t</u>ida</i>	Zona Central Leste Norte Sul
Contexto Fonológico Seguinte Fricativa: <i>com<u>er</u>cio, se<u>r</u> feliz</i> Oclusiva: <i>qu<u>ar</u>to, ir <u>tr</u>abalhar</i> Pausa Soante: <i>transfo<u>r</u>maram, caminha<u>r</u> <u>l</u>igeiro</i>	Escolaridade Médio Superior

Vogal: <i>por<u>a</u>i, morar<u>a</u>qui</i>	
Classe Gramatical Vogal: <i>ca<u>i</u>r, convers<u>o</u></i> Não verbo: <i>port<u>o</u>, cert<u>a</u></i> Outras palavras: <i>por<u>o</u> (ex<u>e</u>mplo), por<u>q</u>ue, <i>qual<u>q</u>uer</i></i>	Renda A B1 B2 C1
Número de Sílabas Monossílabo: <i>ser<u>r</u>, por<u>o</u></i> Dissílabo: <i>part<u>e</u>, and<u>a</u>r</i> Trissílabo: <i>servi<u>ç</u>o, procur<u>a</u>r</i> Polissílabo: <i>Arg<u>e</u>ntina, apart<u>a</u>mento</i>	
Tonicidade Átono: <i>por<u>o</u> (caus<u>a</u>), merc<u>a</u>do</i> Tônico: <i>tar<u>d</u>e, escut<u>a</u>r</i>	

Fonte: autoria própria.

3.4 Teste-piloto de percepção e avaliação linguística

A reação subjetiva de moradores porto-alegrenses, nascidos na cidade ou não, a falares com e sem apagamento de /R/ em coda silábica foi captada por meio de um teste-piloto *online*, desenvolvido e aplicado em 2018²⁴. Caracteriza-se o teste como *piloto* pelo fato de que, paralelamente ao seu objetivo central, ele serviu também para que fossem mapeadas falhas e limitações de tal empreendimento, com vistas a uma possível futura replicação do teste, devidamente revisada e aprimorada.

O primeiro passo da elaboração consistiu na seleção de contextos de apagamento extraídos de entrevistas do LínguaPOA ou entendidos como passíveis de ocorrer na fala espontânea de porto-alegrenses. Tais contextos serviram para a confecção de um breve texto, utilizado para compor o estímulo sonoro do teste em etapa posterior. Chegou-se, enfim, ao texto apresentado a seguir. Note-se que nenhuma das ocorrências da vibrante em coda constitui um morfema de infinitivo. Essa escolha foi proposital: buscou-se captar o padrão de percepção de apagamento em ambientes linguísticos onde o fenômeno é mais raro.

²⁴ O teste e seus resultados foram apresentados breve e não exaustivamente no XXX Salão de Iniciação Científica da UFRGS (ROCKENBACH, 2018).

Quadro 4 - Texto criado para leitura do estímulo sonoro do teste-piloto

Já morei em vários lugares, mas não adianta: em qualque(r) cidade que eu more, sempre serei impo(r)tunada po(r) duas coisas: motoristas de transpo(r)te par(r)ticula(r) tagarelas e péssimos vizinhos. Hoje, por exemplo, aco(r)dei com do(r) de cabeça po(r)que não do(r)mi bem. A mulhe(r) alta do apa(r)tamento da frente e o morado(r) barulhento do anda(r) de cima estavam fofocando sobre o síndico às seis horas da manhã, bem embaixo da minha janela.

Os estímulos sonoros foram obtidos por meio da gravação da leitura em voz alta desse trecho por dois falantes distintos, um do gênero feminino e um do gênero masculino, ambos moradores da Região Metropolitana de Porto Alegre e membros da equipe de pesquisa do LínguaPOA. Seguindo a proposta metodológica de Lambert *et al.* (1960), a técnica dos estímulos pareados, cada um dos falantes gravou duas leituras diferentes do texto: uma na qual a pronúncia de todas as ocorrências de /R/ em coda se dava por tepe alveolar e outra na qual elas fossem apagadas. Buscou-se ao máximo a padronização no modo de leitura e de pronúncia do restante do texto. Além dos quatro estímulos sonoros reunidos nesse procedimento (dois de cada falante), o teste contou, também, com quatro estímulos distratores, que serviram para “despistar” os participantes e dificultar a identificação por parte deles do real objeto de nossa análise.

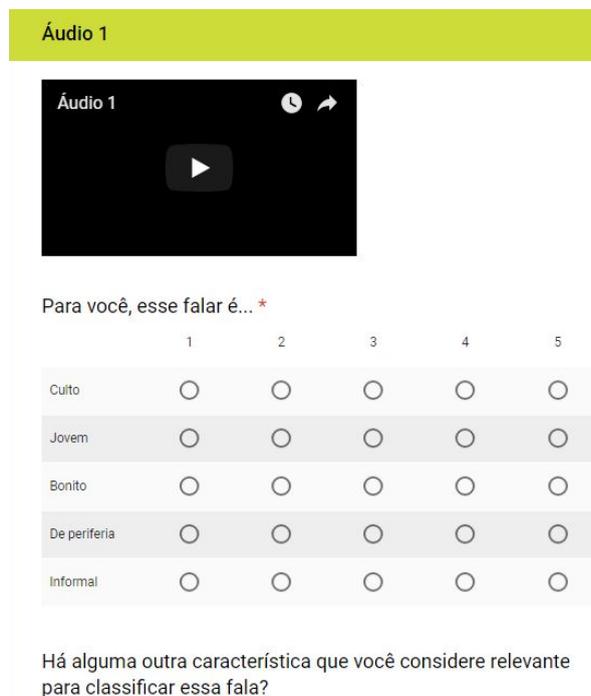
O teste *online* foi abrigado na plataforma Google Forms²⁵, uma das ferramentas do Google. Antes de os participantes avaliarem propriamente os estímulos sonoros, eles respondiam um formulário inicial, anônimo, no qual informavam idade, gênero, nível de escolaridade, cidade de nascimento, tempo e bairro de residência em Porto Alegre e se gostavam de morar na cidade ou não. Ainda nessa parte, os participantes-avaliadores recebiam as instruções para a realização do teste. Foi-lhes informado apenas que o teste objetivava coletar informações acerca da percepção que se tem de alguns contextos fonológicos da fala porto-alegrense e que, para isso, eles seriam solicitados a avaliarem sequências em áudio da leitura de um texto.

A segunda parte do formulário correspondia ao teste de avaliação e percepção linguística propriamente dito. Adotou-se a técnica de escala de avaliação de atitude (GILES, 1970) para medir as reações dos participantes. Dessa forma, cada um dos oito áudios era seguido por uma sequência de cinco escalas de cinco pontos, sendo 1 considerado “nem um pouco” e 5, “muito”. Cada escala correspondia a um descritor, a partir do qual os falares eram

²⁵ Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/> (Acesso em 16/10/2020).

avaliados. Após as escalas, havia espaço para os participantes adicionarem outras percepções que tiveram ao áudio.

Figura 3 - Teste *online* de percepção e atitude linguística



Áudio 1

Áudio 1

Para você, esse falar é... *

	1	2	3	4	5
Culto	<input type="radio"/>				
Jovem	<input type="radio"/>				
Bonito	<input type="radio"/>				
De periferia	<input type="radio"/>				
Informal	<input type="radio"/>				

Há alguma outra característica que você considere relevante para classificar essa fala?

Os descritores utilizados no teste foram: *Culto*, *Jovem*, *Bonito*, *De periferia* e *Informal*. Essas qualidades foram extraídas de entrevistas do LínguaPOA, nos trechos em que os informantes descrevem lugares e pessoas de Porto Alegre. A escolha dessas cinco variáveis foi estratégica no sentido de que todas elas foram usadas pelos próprios informantes para qualificar/caracterizar tanto falares quanto pessoas, de modo que a análise dos resultados e posteriores teorizações acerca da construção e interpretação de *personae* estilísticas tivessem relação com o que correntemente se afirma sobre Porto Alegre e sobre o que é da cidade. Além disso, buscou-se abarcar as três dimensões que Giles (1970) elenca como envolvidas no processo de avaliação linguística: estética, comunicativa e *status*.

O teste foi divulgado em redes sociais e entre amigos e conhecidos da pesquisadora que fossem de Porto Alegre, ficando disponível para participação durante o período de 29 de agosto a 10 de setembro de 2018. Após a coleta dos resultados, as respostas obtidas foram submetidas ao teste T de amostras em pares no *software* estatístico SPSS²⁶.

²⁶ Pacote de programas estatísticos utilizados em estudos de ciências humanas e sociais. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/analytics/spss-statistics-software> (Acesso em 16/10/2020).

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentam-se e discutem-se os resultados das duas análises realizadas, cujos procedimentos metodológicos foram descritos no capítulo anterior, por meio dos quais buscou-se testar as hipóteses levantadas anteriormente. Para isso, o capítulo é dividido em duas seções, de modo que os resultados de cada análise possam ser tratados de forma profunda e organizada.

4.1 Análise de regra variável

A presente seção explora os resultados estatísticos da análise realizada com o *software* RStudio (4.1.1) e tece uma discussão sobre o processo de mudança linguística em que o fenômeno de apagamento da vibrante em coda silábica se encontra na comunidade de fala de Porto Alegre.

4.1.1 Resultados estatísticos

Para a análise quantitativa da variável, foram levantados e codificados 2860 dados contextuais de /R/ em coda silábica. Apenas sete deles não correspondiam a realizações acústicas de tepe alveolar ou de apagamento. Assim, a amostra contou com apenas seis ocorrências de tepe retroflexo e uma ocorrência de fricativa glotal, como pode ser visualizado no quadro a seguir. Cabe destacar que, das seis ocorrências de tepe retroflexo, quatro foram promovidas pela mesma informante (inf. 6), o que pode indicar uma variação intraindividual.

Quadro 5 - Dados contextuais das ocorrências de tepe retroflexo e fricativa glotal na amostra

<i>Variável</i>	<i>Dado contextual</i>	<i>Informante</i>
Tepe retroflexo	ce <u>r</u> to	6
	pa <u>r</u> tes	6
	o <u>r</u> la	6
	inve <u>r</u> no	6
	do <u>r</u> mir	41
	transpo <u>r</u> te	75
Fricativa glotal	ta <u>r</u> de	77

Fonte: autoria própria.

Essas realizações serão deixadas de fora da discussão aqui proposta, não por se negar sua importância ou por considerá-las insignificantes e aleatórias, mas justamente por se acreditar que elas mereçam uma análise detalhada e cuidadosa em futuras e prováveis etapas do estudo. A fim de que se possa proceder a uma discussão embasada em afirmações certas e confiáveis, dados os limites deste estudo, optou-se por analisar estatisticamente a amostra composta apenas pelas realizações de tepe alveolar e de apagamento, identificadas como as duas variantes mais frequentes entre os dados. Assim, a amostra considerada na análise de regra variável possui 2853 *tokens*, isto é, dados linguísticos.

A frequência total de apagamento da vibrante em posição de coda silábica foi 45,72%. Em números absolutos, a porcentagem corresponde a 1305 dados de apagamento. A etapa do teste de qui-quadrado indicou que as variáveis preditoras com valor-p significativo (valor-p > 0,05) foram Renda, Escolaridade, Posição na Palavra, Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Classe Gramatical, Número de Sílabas e Tonicidade. Dessa forma, excetuando-se Zona e Gênero, todas as variáveis linguísticas e duas variáveis extralinguísticas foram incluídas na etapa seguinte, que corresponde ao modelo de efeitos mistos. Os resultados do modelo que inclui todas essas variáveis encontram-se na Tabela 2.

Tabela 2 - Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado com efeitos mistos) do apagamento de /R/ em coda silábica no português de

Porto Alegre

N = 2853

Intercepto = -4,844

<i>Variável</i>	<i>Apl./Tokens</i>	<i>Estimativa</i>	<i>Erro padrão</i>	<i>Valor z</i>	<i>p</i>
Escolaridade					
médio (valor de referência)	593/1227 (48%)				
superior	711/1626 (44%)	0,083	0,199	0,418	0,676
Renda					
a (valor de referência)	765/1749 (44%)				
b1	305/614 (50%)	0,0760	0,234	0,325	0,745
b2	169/335 (50%)	0,493	0,341	1,446	0,148
c1	65/155 (42%)	-1,192	0,486	-2,454	0,014
Posição					
final (valor de referência)	1210/1671 (72%)				
medial	94/1182 (8%)	-6,564	0,896	-7,327	>0,001
Contexto precedente					
anterior (valor de referência)	1195/1960 (61%)				
posterior	109/893 (12%)	-2,166	0,646	-3,351	>0,001
Contexto seguinte					
fricativa (valor de referência)	86/274 (31%)				
oclusiva	463/1383 (33%)	0,650	0,522	1,245	0,213
pausa	167/234 (71%)	0,241	0,640	0,376	0,707
soante	171/377 (45%)	0,760	0,606	1,253	0,210
vogal	417/585 (71%)	0,043	0,529	0,081	0,935
Classe gramatical					
não verbo (valor de referência)	11/910 (1%)				
outras palavras	129/596 (22%)	4,908	1,065	4,608	>0,001
verbo	1164/1347 (86%)	7,416	0,798	9,297	>0,001
Número de sílabas					
dissílaba (valor de referência)	696/1502 (46%)				
monossílaba	326/489 (67%)	-0,233	0,843	-0,276	0,783
polissílaba	44/285 (15%)	-0,505	0,712	-0,709	0,479
trissílaba	238/577 (41%)	-0,047	0,502	-0,094	0,925
Tonicidade					
átona (valor de referência)	107/908 (12%)				
tônica	1197/1945 (62%)	1,859	0,652	2,853	>0,01

Modelo 1. APAGAMENTO ~ ESCOLARIDADE + RENDA + POSICAO + CONTEXTO.PRECEDENTE +
 CONTEXTO.SEGUINTE + CLASSE.GRAMATICAL + NUMERO.SILABAS + TONICIDADE +
 (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA)

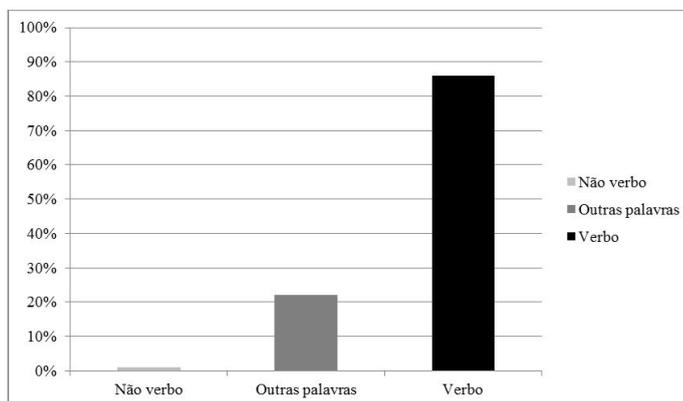
Fonte: autoria própria.

Os valores de p , na coluna à direita da tabela, indicam que têm efeito sobre o apagamento de /R/ em coda as variáveis Renda, Posição na Palavra, Contexto Fonológico Precedente, Classe Gramatical e Tonicidade. As células destacadas em cinza (com valor- $p > 0,05$) apontam os fatores favorecedores e desfavorecedores do apagamento. Assim, os resultados do modelo de efeitos mistos com todas as variáveis estatisticamente significativas indicam que favorecem o apagamento os fatores *outras palavras*, *verbo* e *sílabas tônicas* e que desfavorecem o apagamento os fatores *renda C1*, *sílabas mediais* e *vogal precedente posterior*.

Os números estatísticos deixam claro que o apagamento da vibrante pós-vocálica é um fenômeno quase estritamente linguístico, pois apenas uma variável social (Renda) foi selecionada como estatisticamente significativa. Acredita-se que a seleção do fator *renda C1* como desfavorecedor do processo se deva ao fato de que a amostra foi composta por apenas um informante desse estrato social. Sendo assim, antes de se afirmar que o fator *renda C1* de fato desfavorece o apagamento da variável, seria necessária uma análise atenta da variação intrafalante do próprio informante 92 ou, então, uma nova seleção de informantes para compor a amostra com vistas a uma distribuição equilibrada de representantes de cada estrato social.

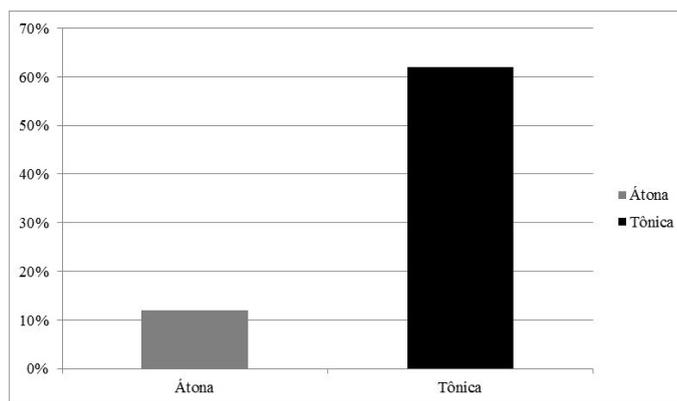
Os fatores favorecedores *verbo* e *sílabas tônicas* e o fator desfavorecedor *sílabas mediais* podem ser explicados pelo apagamento praticamente categórico atestado em estudos anteriores (MONARETTO, 2002; OUSHIRO e MENDES, 2015) de morfemas de infinitivo, pois tais fatores são constantes nesse contexto linguístico. Os gráficos 1, 2 e 3, a seguir, mostram as diferenças nas taxas de aplicação do fenômeno para cada fator das variáveis Classe Gramatical, Tonicidade e Posição na Palavra, respectivamente.

Gráfico 1 - Variável Classe Gramatical sobre apagamento de /R/ em coda



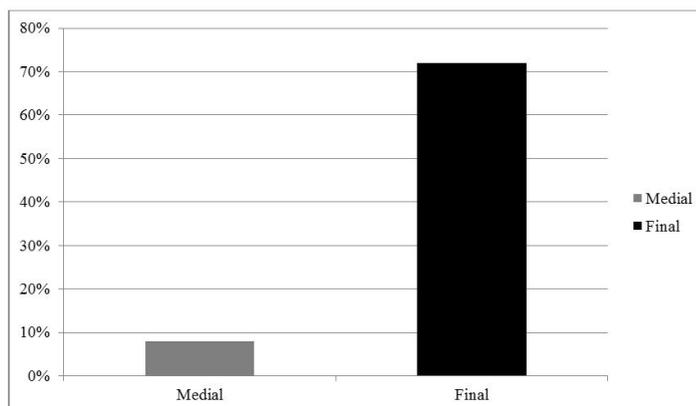
Fonte: autoria própria.

Gráfico 2 - Variável Tonicidade sobre apagamento de /R/ em coda



Fonte: autoria própria.

Gráfico 3 - Variável Posição na Palavra sobre apagamento de /R/ em coda



Fonte: autoria própria.

A fim de que se confirmasse a divergência desse grupo de palavras em relação ao restante da amostra, procedeu-se a uma análise estatística apenas dos dados nos quais a variável correspondia a um morfema de infinitivo. A taxa de apagamento da variável entre os 1177 dados linguísticos considerados foi 97,3%, o que confirma a aplicação praticamente categórica do processo em morfemas de infinitivo.

A seleção do fator *vogal precedente posterior* como favorecedor do processo linguístico de apagamento encontra-se, ao mesmo tempo, em consonância com os resultados de Monaretto (2002) e em dissonância com Oushiro e Mendes (2015), cuja análise destacou o traço [+ anterior] no contexto fônico precedente como fator favorecedor do apagamento.

Em relação ao fator *outras palavras* na variável Classe Gramatical como favorecedor do apagamento, sua seleção confirma a hipótese, levantada a partir das investigações de Oushiro e Mendes (2015), de que o apagamento de /R/ em coda silábica é favorecido em palavras mais gramaticais - conjunções, preposições, advérbios -, principalmente quando contrastadas com palavras “de conteúdo” - adjetivos e substantivos. De fato, a amostra aqui estratificada apresenta em sua composição uma frequência considerável de apagamento de itens lexicais específicos, com destaque para *porque* e *qualquer*. Uma investigação em termos de posição prosódica, acento na frase e posição dentro da frase fonológica, que, por sua vez, requerem uma análise linguística bastante detalhada, poderia esclarecer o comportamento significativamente divergente dessas palavras em relação ao restante da amostra. O presente estudo, embora não aprofunde tais questões, levanta a necessidade de uma análise contextual desses dados em etapas futuras ou em estudos posteriores.

4.1.2 A mudança linguística da variável

Embora a amostra utilizada neste estudo não permita que se faça uma análise da mudança em tempo aparente (LABOV, 1994), visto que todos os informantes considerados pertenciam à mesma faixa etária, ainda assim é possível analisar a mudança linguística do processo de apagamento da variável a partir de uma perspectiva em tempo real. O estudo de Monaretto (2002) oferece subsídios para a realização dessa análise.

Os resultados encontrados nos três períodos de tempo considerados na investigação de Monaretto já indicavam uma mudança linguística em andamento motivada pelo processo de crescimento do apagamento da vibrante pós-vocálica. Ao se compararem as taxas de apagamento de 16% na década de 1970 e de 40% em 1999 com o índice de 45,5% encontrado

neste estudo, observa-se que a mudança linguística destacada por Monaretto mostra ainda se encontrar em andamento atualmente.

O crescimento do apagamento da variável parece englobar ambos os contextos de posição medial e final na palavra. A taxa de apagamento de 1% de apagamento em posição medial atestada na amostra de 1999 de Monaretto subiu para 8% nos dados aqui considerados, e a taxa de 68% em posição final passou para 72%. Os índices de apagamento de morfemas de infinitivo seguem esse padrão: os 78% de apagamento nos dados das três amostras de Monaretto subiram para 97,3% no presente estudo, indicando uma mudança praticamente completa.

Contudo, a análise feita até aqui merece uma ressalva importante. A amostra de Monaretto foi composta por informantes de diferentes faixas etárias, enquanto todos os informantes do LínguaPOA selecionados para esta investigação pertencem à faixa etária mais jovem do *corpus*, de 20 a 39 anos. Assim, os estudos apresentam um desequilíbrio entre si em relação ao perfil social dos informantes que fornecem os dados linguísticos. As diferenças entre os índices de apagamento dos estudos aqui assinaladas não devem ser interpretadas em termos absolutos. Elas servem apenas para sugerir que o apagamento da vibrante pós-vocálica constitui uma mudança linguística em andamento e está em processo de crescimento na comunidade de fala de Porto Alegre, cujo estágio, em conformidade com Oushiro e Mendes (2015), parece estar condicionado ao contexto linguístico e ao grupo de palavras no qual a variável ocorre.

4.2 Teste-piloto de percepção e avaliação linguística

Nesta seção, são apresentados os resultados do teste de percepção e avaliação linguística (4.2.1) e, em seguida, uma proposta de discussão dos resultados a partir de uma perspectiva estilística (4.2.2).

4.2.1 Análise estatística dos resultados do teste-piloto

O teste de percepção e avaliação linguística contou com mais de 50 participantes. No entanto, as respostas de apenas 45 deles foram consideradas na análise, visto que alguns não responderam corretamente aos dados do formulário inicial ou afirmaram não viverem mais em Porto Alegre.

Dentre os 45 participantes-avaliadores, 27 identificaram-se como sendo do gênero feminino, e 18, do gênero masculino. A idade média dos participantes foi 25,3 anos, muito embora os três participantes mais jovens tivessem 18 anos, e o mais velho tivesse 68 anos. A análise inicial dos perfis sociais revelou uma distribuição irregular ao longo das idades, visto que 33 dos 45 participantes tinham, à época do teste, entre 18 e 23 anos, e que apenas 6 tinham mais de 40 anos.

Os níveis de escolaridade dos participantes também apresentaram distribuição irregular. 32 avaliadores possuíam ensino superior incompleto, enquanto apenas um avaliador não havia completado o ensino médio; 7 possuíam ensino médio completo, e 5 haviam concluído o ensino superior. Uma possível e provável justificativa para uma maior participação de moradores porto-alegrenses jovens e com ensino superior incompleto (em curso ou abandonado) está no fato de que o teste foi divulgado entre os círculos sociais da própria pesquisadora, que, por sua vez, possui perfil social similar ao da maioria dos participantes.

Quanto às zonas de residência dos avaliadores na cidade, 6 deles eram moradores da zona central, 16 vivam na zona leste, 14 moravam na zona norte, e 8, na zona sul. Havia também um avaliador que recém mudara-se para Alvorada, tendo anteriormente vivido em Porto Alegre por 17 anos; por esse motivo, não foi descartado da análise.

Os resultados obtidos no teste de percepção e avaliação linguística dos estímulos sonoros gravados pelos falantes masculino e feminino foram submetidos a um teste T de significância estatística. Os resultados do teste T de amostras em pares encontram-se nas tabelas 3 e 4. Os valores das segunda e terceira linhas de cada tabela referem-se às médias de avaliação para cada um dos descritores, considerando-se a escala diferencial semântica de cinco pontos (ver seção 3.4). As células coloridas indicam as médias mais altas para cada descritor, quando contrastados os áudios com e sem apagamento. As células acinzentadas, na última linha, indicam os descritores cujos valores de significância apresentaram resultados estatisticamente significativos (valor- $p < 0,05$).

Tabela 3 - Avaliação e percepção do estímulo do falante masculino

	<i>Culto</i>	<i>Informal</i>	<i>Bonito</i>	<i>Jovem</i>	<i>De periferia</i>
<i>Com apagamento</i>	2,87	3,09	2,73	3,69	1,75
<i>Sem apagamento</i>	3,33	3,04	2,93	3,92	1,73
<i>Valor de significância</i>	p<0,002	p>0,08	p<0,02	p<0,001	p<0,001

Fonte: autoria própria.

Tabela 4 - Avaliação e percepção do estímulo do falante feminino

	<i>Culto</i>	<i>Informal</i>	<i>Bonito</i>	<i>Jovem</i>	<i>De periferia</i>
<i>Com apagamento</i>	3,00	1,14	2,64	1,73	1,91
<i>Sem apagamento</i>	2,91	1,13	2,75	1,78	1,91
<i>Valor de significância</i>	p<0,01	p<0,001	p<0,001	p<0,002	p<0,001

Fonte: autoria própria.

A Tabela 3 indica que, na avaliação do estímulo masculino, os descritores com diferenças significativas (valor-p < 0,05) nas médias de avaliação foram *Culto*, *Bonito*, *Jovem*, *De periferia*. Para os descritores *Culto*, *Bonito* e *Jovem*, as médias mais altas de avaliação foram atribuídas ao estímulo sem apagamento da variável; para o descritor *De periferia*, ao estímulo com apagamento. Considerando a estigmatização da variante apagamento de /R/ em coda na norma-padrão do PB, principalmente em contextos que não correspondem a morfemas de infinitivo, o comportamento das médias de avaliação nos descritores não é surpreendente. Assim, os valores das médias refletem expectativas sociais decorrentes da norma.

Na avaliação do estímulo feminino, os descritores com diferenças significativas (valor-p < 0,05) nas médias de avaliação foram *Culto*, *Bonito*, *Jovem*, *Informal*, *De periferia*. Para os descritores *Bonito* e *Jovem*, as médias mais altas de avaliação foram atribuídas ao estímulo sem apagamento; para os descritores *Culto* e *Informal*, ao estímulo com apagamento; as médias dos dois estímulos se equivaleram para o descritor *De periferia*. Os descritores

Bonito e *Jovem* apresentaram médias na avaliação cujo comportamento foi semelhante entre os estímulos masculino e feminino. Por sua vez, o resultado de *Informal* associado a 'com apagamento' parece conformar-se à ideia de que a não realização de algum material segmental (no caso, o /R/ pós-vocálico) é resultado de um menor monitoramento, de um maior relaxamento e de uma fala pautada pela *informalidade*. O descritor *Culto* associado a 'com apagamento' parece refletir uma avaliação holística do próprio falante que gravou o estímulo, muito antes que da variante em si. Acredita-se que uma análise mais profunda de outros traços linguísticos presentes no estímulo feminino possa reforçar o comportamento das médias desse descritor.

A inversão do ordenamento das médias para a categoria *Culto* nos falares masculino e feminino pode ser interpretada como reflexo da diferença de qualidade sonora da gravação: os áudios de ambos os estímulos femininos foram gravados em qualidade consideravelmente inferior aos dos masculinos. De fato, sugestões de melhoria da qualidade dos áudios foram apontadas por alguns avaliadores, demonstrando a necessidade de padronização do caráter acústico das gravações antes de serem levantadas hipóteses sobre o condicionamento de macrocategorias sociais dos falantes, como gênero, no processo de percepção e avaliação linguística. Em relação à categoria *De periferia*, a média do falar masculino com apagamento foi mais alta do que a de seu correspondente falar sem apagamento, mas o mesmo não se verificou no falar feminino; neste, houve equivalência entre as médias. A necessidade de aprimoramento e melhor controle da natureza acústica dos áudios é reafirmada, e qualquer afirmação que associe gênero ao comportamento divergente das médias em determinadas categorias parece precipitada.

As médias de avaliação dos estímulos com e sem apagamento de /R/ para cada descritor apresentam valores próximos em ambos os falantes. Na maioria dos casos, elas tendem ao ponto neutro da escala, que, nesse caso, é o ponto 3. Observa-se que poucas médias são menores do que 1,5 ou estão acima do ponto 4. As médias próximas e “neutras”, entretanto, ao invés de serem interpretadas como uma insensibilidade por parte dos avaliadores a falares com e sem apagamento da vibrante pós-vocálica, levantam a hipótese de que esses avaliadores não só percebem a variável (e, em alguns casos, expressam a percepção de seu apagamento nas seções dedicadas aos relatos, após as escalas), como também preocupam-se em não realizar uma avaliação “extrema” ou “preconceituosa” a partir dela. Ou, ainda, não têm clareza sobre como avaliar os estímulos para as categorias consideradas. As médias baixas na categoria *De periferia*, nos estímulos com e sem apagamento de ambos os falantes, corroboram essa afirmação.

O incômodo dos avaliadores ao se verem diante da necessidade de avaliar falares a partir de categorias pré-estabelecidas é sugerido não somente pelas médias de avaliação, mas também pelos comentários deixados nas seções dedicadas a isso ao longo do teste. A categoria *De periferia*, por exemplo, havia sido originalmente denominada *De vileiro*, mas foi alterada após o relato da segunda informante do teste, uma estudante de 20 anos, com ensino superior incompleto, moradora do bairro Menino Deus (zona central): *Eu não achei nenhuma das vozes 'de vileiro', e achei um pouco ofensivo caracterizar uma voz dessa forma. Acho que a caracterização 'informal' já é suficiente.* Mais do que apontar seu incômodo em relação à categoria em questão, a informante expressa a crença na correlação direta entre ser informal e ser “vileiro”, ou de vila, a ponto de considerar as categorias redundantes. A observação da participante reforça, acima de tudo, o caráter piloto do teste. Faz-se necessário, em uma futura reaplicação do teste, problematizar as categorias de avaliação selecionadas, já que se tem a impressão de que elas possam ter evocado representações diversas nos avaliadores. Isso é reforçado pelas divergências quanto à avaliação dos descritores *Culto* e *De periferia* nos estímulos de ambos os falantes e pelo fato de a categoria *Informal* ter se mostrado estatisticamente significativa apenas na avaliação dos estímulos femininos.

As seções de comentários do teste mostraram-se, inclusive, valiosas, embora pouco utilizadas pelos avaliadores. A grande maioria dos participantes não registrou suas impressões acerca dos falares nos espaços dedicados a esse tipo de comentário. Contudo, os poucos comentários coletados revelam um certo tipo de consciência dos avaliadores em relação ao apagamento de /R/ em coda. Um dos avaliadores escreveu o seguinte comentário para o estímulo sonoro com apagamento do falante masculino: *A pessoa "come" o som do "r", achei fofinho.* Este mesmo avaliador, para o estímulo com apagamento do falante feminino, comentou: *Outra pessoa que come o r e alonga o janéeela.* Outro participante apontou a seguinte impressão para o estímulo com apagamento do falante masculino: *Exclusão do fonema "r" em certas palavras.* Nossa hipótese é a de que esses não foram os únicos avaliadores a terem tido consciência do apagamento da variável a que estavam sendo opostos, mas foram os únicos a explicitarem e expressarem essa impressão.

Acredita-se também que as aparentes incoerências entre as avaliações dos estímulos masculino e feminino levantem a necessidade de se controlarem formas linguísticas que coocorram com o apagamento (e o não apagamento) da variável aqui analisada. Nesse sentido, assume-se que as avaliações possam ter sido influenciadas não só pela qualidade das gravações, mas também pelas formas linguísticas presentes no texto lido e gravado na elaboração dos estímulos, como, por exemplo, a palatalização categórica das oclusivas

alveolares /t/ e /d/ diante das vogais /e/ e /i/ (*cidade*, *transporte*, *particular*). O ideal parece ser considerar e controlar no teste outras formas linguísticas coocorrentes e até mesmo o conteúdo semântico do texto lido na confecção dos estímulos. As inconsistências levantadas nessa aplicação do teste-piloto poderão ser consideradas em etapas futuras da investigação.

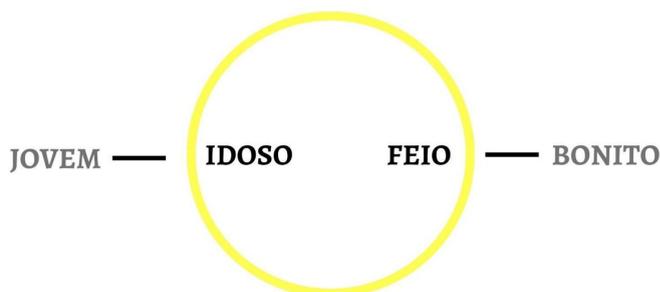
4.2.2 Discussão dos resultados a partir de uma perspectiva estilística

Mesmo com as limitações relatadas (4.2.1), os resultados obtidos no teste-piloto de percepção e avaliação linguística parecem sugerir que o apagamento variável da vibrante pós-vocálica possa associar-se a processos de construção estilística. Para fazer considerações confiáveis e seguras a partir dos resultados estatísticos apresentados na seção anterior, serão considerados apenas os descritores *Jovem* e *Bonito*, que apresentaram médias semelhantes nos estímulos de ambos os falantes.

A perspectiva estilística adotada fundamenta-se em Eckert (2004, 2008), que concebe estilo como uma *prática social* que, em termos linguísticos, corresponde a usar variantes de certas variáveis para construir *personae* a que se indexam significados sociais. São as práticas estilísticas que dotam a variação linguística de significação social, processo que se mostra evidente no teste-piloto relatado aqui. Os avaliadores percebem, reagem aos falares e avaliam-nos em direção a uma diferenciação social baseada em identidades sociais, construídas e percebidas com base em uma série de símbolos ou signos; em nosso caso, especialmente os linguísticos, as variantes apagamento e não apagamento da variável vibrante em coda.

Os resultados do teste permitem mapear uma proposta de campo indexical (SILVERSTEIN, 2003; ECKERT, 2008) de significados potenciais da variável controlada, ativados pela produção linguística dos falantes cujas leituras serviram de estímulo sonoro. O campo indexical constituído a partir da percepção e avaliação da variável vibrante pós-vocálica encontra-se representado na figura a seguir. Os termos em preto são o oposto dos termos em cinza, que correspondem às categorias consideradas no teste de percepção e avaliação linguística. Nossa hipótese, conforme Eckert (2008), é a de que tais categorias sejam significados ideologicamente associados às variantes da variável em questão. Os termos em cinza são significados associados ao não apagamento da variável - nesse caso, à realização como tepe alveolar; os termos em preto, significados associados ao apagamento.

Figura 4 - Campo indexical do apagamento da vibrante em coda silábica no português de Porto Alegre (RS)



Fonte: autoria própria.

Vale ressaltar que o próprio campo indexical é de natureza fluida e relativa. Isso significa que, por mais que os resultados do teste sugiram significados mais regulares, cada avaliador pode interpretar os falares a que é exposto de maneira singular, o que é comprovado pelas médias divergentes para alguns descritores entre os estímulos feminino e masculino.

O campo indexical, reflexo das práticas estilísticas que operam constantemente no processo de percepção e avaliação linguística, define, por sua vez, as *personae* estilísticas (ou tipos/identidades sociais), construídas pelos avaliadores e assumidas como representativas dos falantes cujos falares estão avaliados. Assim, chega-se à suposição de que os significados figurados no campo indexical consolidam *personae* que se valem do apagamento da variável (e de outros recursos linguísticos e não linguísticos) para incorporarem os traços *menos jovem* e *menos bonito*, ou *idoso* e *feio*, por meio do recurso de bricolagem. Dito de outra forma, o apagamento variável da vibrante em coda silábica consolida a (re)interpretação, cada vez que a linguagem é utilizada, de *personae* estilísticas menos jovens e menos bonitas. Os resultados estatísticos do teste permitem supor, portanto, que a percepção e avaliação linguística ao apagamento de /R/ em coda indexa significados situados em dois eixos principais: beleza e jovialidade.

No entanto, vale ressaltar que o teste-piloto é um exercício de avaliação do procedimento metodológico em si, antes de um modo de obtenção de respostas definitivas sobre o uso estilístico da variável. Assim, o que se obtém no teste são apenas indícios de que o apagamento possa indexar significados sociais e sugestões de quais são eles. Por mais que se acredite, considerando a estigmatização de formas linguísticas com apagamento da vibrante pós-vocálica, que traços como *menos culto*, *informal* e *de periferia* figurem na construção e interpretação de *personae* que fazem uso dessa variável, especulações nesse sentido só

poderão ser desenvolvidas quando revisadas as inconsistências apontadas anteriormente, na seção 4.2.1. Mesmo assim, o teste oferece indícios suficientes para que se acredite que a variável vibrante em coda silábica (e, mais especificamente, seu apagamento) é dotada de significação social pelos participantes da comunidade de fala de Porto Alegre, e as análises feitas a partir desse teste caminham em direção ao esclarecimento de um padrão de uso cujos significados associam-se à ordem social mais ampla.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou traçar os modelos de produção e de percepção e avaliação linguística do apagamento variável da vibrante em posição de coda silábica no português da comunidade de fala de Porto Alegre. Os resultados da análise de regra variável e do teste-piloto de percepção e avaliação linguística são valiosos pois, mesmo sendo os primeiros passos de uma investigação que deverá ser ampliada e aprofundada, apontam caminhos para futuras etapas e estudos e fornecem pistas que comprovam a potencialidade de estudos em torno da variável na capital gaúcha.

A análise de regra variável a partir da amostra do LínguaPOA indicou o tepe alveolar e o apagamento como as duas realizações mais frequentes da vibrante pós-vocálica e serviu para definir o padrão sociolinguístico da variável. Conclui-se que o apagamento variável de /R/ em coda, no português falado em Porto Alegre, possui encaixamento quase estritamente linguístico, visto que quase todas as variáveis preditoras envolvidas no processo estão relacionadas ao contexto linguístico de realização. O único fator extralinguístico selecionado como estatisticamente significativo, *renda CI*, não é passível de ser situado no padrão sociolinguístico do processo linguístico, devido ao fato de a amostra ter sido composta por apenas um informante desse estrato social.

Os fatores linguísticos correlacionados ao apagamento da variável seguem padrões apontados em estudos anteriores e confirmam hipóteses sugeridas inicialmente. Assim, pode-se afirmar que o apagamento variável da vibrante em coda no português falado em Porto Alegre é favorecido em contextos de sílaba tônica e em verbos e palavras como conjunções, preposições, advérbios e desfavorecido em contextos de sílaba medial e de vogal precedente posterior.

A comparação dos resultados desta investigação com os de estudos revisados neste trabalho sugerem uma mudança linguística em andamento. O processo de apagamento da variável está em processo de crescimento em diferentes contextos linguísticos e grupos de palavras, com destaque para os morfemas de infinitivo, nos quais a regra tende à categorização. Contudo, reconhece-se que uma amostra mais representativa em relação a indivíduos de diferentes faixas etárias é necessária para que se capte mais amplamente o percurso dessa mudança linguística.

O modelo metodológico adotado no teste-piloto de percepção e avaliação linguística forneceu resultados passíveis de serem interpretados com vistas à exploração de significados sociais da variável, em termos do contraste realização vs. apagamento. As médias de

avaliação significativamente distintas para os cinco descritores entre os diferentes falares permitem supor que o apagamento de /R/ em coda está envolvido em um sistema de valoração social, e que formas linguísticas sem apagamento são expressivamente mais prestigiadas.

O estudo dos resultados a partir de uma perspectiva estilística possibilitou a delimitação de um campo indexical, no qual figuram significados potenciais da variável. Esses significados sociais, por sua vez, no caso da variável em questão, estão situados nos eixos de beleza e jovialidade: o apagamento variável de /R/ em coda consolida *personae* percebidas e avaliadas como menos jovens e menos bonitas. Embora o teste-piloto conduzido e relatado neste trabalho não forneça respostas definitivas sobre o uso estilístico da variável, ele conduz à conclusão de que o fenômeno de apagamento da vibrante pós-vocálica é dotado de significação social por si próprio.

Acredita-se que a proposta deste estudo de se analisar o apagamento variável da vibrante em coda silábica a partir do ponto de vista de sua produção/realização e de sua percepção/avaliação tenha contribuído para o preenchimento de lacunas existentes nos estudos sociolinguísticos na comunidade de fala porto-alegrense. Espera-se que os resultados aqui expostos e interpretados incentivem novas etapas e investigações e que este estudo impulse o esclarecimento dos padrões sociolinguísticos do português falado em Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática e vocabulário*. São Paulo: Editora Anhembi Ltda., 1955.
- BATTISTI, E. O português falado no Rio Grande do Sul: história e variação linguística. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 2014, p. 9-17.
- BATTISTI, E.; OLIVEIRA, S. G. de. Significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). *Dossiê*. São Paulo: Todas as Letras, v. 19, ed. 2, p. 14-29, maio/ago. 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188693/001008369.pdf?sequence=1>> (Acesso em 16/10/2020).
- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 229-241.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.) *Gramática do português falado – Volume VIII: Novos estudos descritivos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 537-555.
- CAMARA JR., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/trabalho/>> (Acesso em 16/10/2020).
- ECKERT, P. The meaning of style. In: CHIANG, W.-F.; CHUN, E.; MAHALINGAPA, L.; MEHUS, S. (Eds.). *Salsa 11. Texas Linguistics Forum*, n.47, 2004, p. 1-10. Disponível em: <<http://salsa.ling.utexas.edu/proceedings/2003/eckert.pdf>> (Acesso em 16/10/2020).
- _____. *Variation, convention, and social meaning*. Plenary talk. Annual meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, CA, 2005. Disponível em: <<http://www.justinecassell.com/discourse09/readings/EckertLSA2005.pdf>> (Acesso em 16/10/2020).
- _____. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*. Blackwell Publishing Ltd., 12/4, 2008, p. 453-476.
- GILES, H. *Evaluative reactions to accents*. *Educational Review*, 22:3, 1970, p. 211-227.
- GILES, H.; BILLINGS, A. C. Assessing language attitudes: Speaker evaluation studies. In: DAVIES, A.; ELDER C. (Org.). *The handbook of applied linguistics*. Malden, MA: Blackwell, 2004, p. 187-209.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental & Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- JAKOBSON, R. *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague: Mouton, 1968.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language* vol. 45, n. 4, 1969, p. 715-762.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change* vol. 2, 1990, p. 205-254.

_____. *Principles of linguistic change – internal factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change – social factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, W., HODSON, R., GARDNER, R. & FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60, 1960, p. 44–51.

LOPEZ, B. S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. Tese (Doutorado, PhD). Los Angeles: University of California, 1979.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. Documentação do projeto SP2010 - Construção da amostra da fala paulistana. 2013. Disponível em: <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>> (Acesso em 16/10/2020).

MONARETTO, V. N. de O. *O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil*. Letras de Hoje, vol. 35, n. 1, 2000, p. 275-284. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14768/9834>> (Acesso em 16/10/2020).

_____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 253-268.

_____. Realizações de R. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 121- 132.

MONARETTO, V. N. de O.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 195-228.

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. *Veredas — Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, 2014, p. 251-266.

PRESTON, D. R. Language with an Attitude. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Publishing, 2003. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/9780470756591.ch2>> (Acesso em 16/10/2020).

ROCKENBACH, L. M. *O apagamento variável da vibrante em posição de coda no português falado em Porto Alegre: Piloto de um teste de percepção e avaliação linguística*. Salão de Iniciação Científica (30. : 2018 out. 15-19 : UFRGS, Porto Alegre, RS).

ROCKENBACH, L. M. *A realização variável da vibrante em coda silábica na comunidade de fala porto-alegrense*. Salão de Iniciação Científica (31. : 2019 out. 21-25 : UFRGS, Porto Alegre, RS).

ROSA, R. *A comunidade de fala de Porto Alegre no Estudo da variação linguística: identificando subcomunidades*. Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and Communication*, v. 23, 2003, p. 193-229.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2006.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. Tradução: Marcos Bagno.

ANEXOS

Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFRGS – Programa de Pós-Graduação em Letras/CNPq
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante, leia com atenção as informações a seguir, sobre a pesquisa de que você consente em participar.

Dados da pesquisa

Pesquisador(a): _____
 Pesquisador responsável: Elisa Battisti, Doutora, PPGLET/UFRGS
 Contatos da pesquisadora responsável: battisti.elisa@gmail.com, (051) 9601.3277
 Telefone do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRGS: (051) 3308-3738

Objetivo da pesquisa

A pesquisa tem o objetivo de identificar modos de falar de Porto Alegre relacionados a diferentes grupos/áreas da comunidade.

Procedimentos de pesquisa

O participante responderá questões gerais sobre Porto Alegre e seu dia-a-dia na cidade. Em mapas, marcará áreas da comunidade que, na sua opinião, tenham diferentes modos de falar. Em entrevista gravada, falará sobre suas experiências na comunidade com familiares, amigos, colegas de trabalho, vizinhos. Fornecerá informações pessoais (idade, escolaridade, ocupação, hábitos de lazer e consumo) para o(a) pesquisador(a) preencher uma Ficha de Entrevista.

Riscos e benefícios da pesquisa

O tipo de pesquisa (sociolinguística) realizada geralmente não apresenta riscos. Todo o material passa por um processo de retirada de informações de caráter pessoal que ponham em risco a integridade moral dos participantes da pesquisa. O material só é acessível a pesquisadores e os resultados de pesquisa divulgados também omitem informações pessoais. O benefício da pesquisa será a composição de um acervo de época de caráter linguístico, sócio-histórico e cultural. As narrativas de experiência pessoal constantes nas entrevistas fazem uma crônica do dia-a-dia da comunidade que passa despercebido das grandes obras e que tem o potencial de, futuramente, auxiliar a contar a história de nossa gente.

Informações complementares

A participação neste estudo é voluntária e sem custos. Todos os participantes têm a liberdade de cancelar sua participação a qualquer momento. A identidade de todos os participantes permanecerá confidencial em toda publicação referente a esse material. As gravações das entrevistas serão guardadas no Instituto de Letras da UFRGS. Se transcritas, não conterão quaisquer informações que permitam identificar o participante.

As entrevistas gravadas serão analisadas somente pelo pesquisador e sua equipe, até o final da pesquisa (fevereiro de 2019). Após o término da pesquisa, serão mantidas na UFRGS e formarão um acervo de fala sobre Porto Alegre. Seu uso pelo pesquisador e sua equipe em outros estudos ocorrerá apenas com a concordância do participante, considerando-se o expresso a seguir:

Autorizo o uso dos dados gravados nesta pesquisa para outras que venham a ser realizadas pela pesquisadora ou por sua equipe, desde que sejam mantidos os mesmos preceitos éticos aqui apresentados.

Não autorizo o uso das gravações desta pesquisa para estudos posteriores.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e compreendi as informações acima mencionadas e que consinto em participar da pesquisa.

.....
 Nome

.....
 Assinatura

.....
 Data

Anexo 2: Questionário Econômico

QUESTIONÁRIO ECONÔMICO – Critério Brasil de Classificação Econômica (ABEP)

Nome do(a) entrevistado(a): _____

ITENS DE CONFORTO	NÃO POSSUI	QUANTIDADE QUE POSSUI			
		1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de freezers independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:	
1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

Grau de instrução do(a) chefe da família (quem contribui com a maior parte da renda do domicílio):

Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
Analfabeto / Fundamental I incompleto	Analfabeto/Primário Incompleto
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto	Primário Completo/Ginásio Incompleto
Fundamental completo/Médio incompleto	Ginásio Completo/Colegial Incompleto
Médio completo/Superior incompleto	Colegial Completo/Superior Incompleto
Superior completo	Superior Completo

Anexo 3: Roteiro de Entrevista

Roteiro de Entrevista – Porto Alegre

Família	Como é tua família? É grande? Tens irmãos (filhos, netos)? O que eles fazem? Estudam, trabalham? Onde moram? Visitas teus familiares? Quem? Com que frequência? O que fazem juntos?
Trabalho	Trabalhas/estudas? Onde? Se em empresa, é nacional ou multinacional/faz comércio exterior? Se funcionário público: De que área? Quando fizeste o concurso? Como são teus horários/rotina de trabalho? Como é o teu local de trabalho (estudo)? É longe da tua casa? Como fazes para ir até lá? Por que escolheste tua ocupação? Realizas algum trabalho voluntário? Se sim: Qual?
Lazer Amizades Culinária	O que tu costumavas fazer no teu tempo livre? Com quem? Onde? Vais ao cinema, assistes a filmes em DVD/TV a cabo/Internet? Teus amigos, como são? Tens um melhor amigo? Como ele é? Sabes cozinhar? Gostas? Qual é teu prato favorito? Como é preparado? Costumas comer comidas diversificadas? Quais? Onde? Tu viajas? Quando? Por quanto tempo? Para onde?
Bairro Habitação Transporte	Há quanto tempo moras neste bairro/local? Gostas do lugar? Como era antigamente? Já aconteceu algo contigo que te fizesse pensar: 'Que bom morar aqui!', ou 'Morar aqui não é bom'? Se sim, o que aconteceu? Moras em casa ou em apartamento? Tens vizinhos? Como são eles? Os moradores do lugar se reúnem para alguma atividade? Quais? Associação de Bairro? Festa da comunidade? Participas? Como é o transporte aqui? Tem muitas linhas de ônibus? Tu usas? Quais?
Cidade	Como é o trânsito em <i>Porto Alegre</i> ? Lembras da cidade há alguns anos? O que mudou aqui? Em termos de trabalho/emprego, como está <i>Porto Alegre</i> ? O que se faz aqui? As pessoas têm emprego? Quais são os empregos mais comuns? Considere as quatro zonas de <i>Porto Alegre</i> - sul, norte, leste, central. Tu transitas em alguma delas? Com que propósito? Com que frequência? Gosta dela(s)? Sim/não, por quê? O que tem lá de diferente? Como as pessoas são? Têm um jeito específico de vestir, agir, falar, etc.? Gostarias de viver em outro lugar? Por quê? O que tu achas mais importante para <i>Porto Alegre</i> ? Escolha dois dos seguintes itens: () Aumentar o efetivo policial e equipar a polícia. () Investir em cultura e lazer. () Preservar a natureza. () Melhorar o transporte coletivo.
Religião	Praticas alguma religião? Qual? Tem missa/culto? Fazes parte?
Línguas	Falas/entendes outra língua? Qual? Com quem falas? Em que situações usas a língua?
Infância	O que tu lembras de tua infância? Brincavas de que/com quem? Ouvias estórias? Quem contava? Lembras de alguma? Qual? Conta.
Estudos	Foste/vais à escola? Qual? Como eram/são as aulas? Lembras de algum professor/disciplina/matéria/aula? Por quê? Fazes algum curso complementar? Qual?
Costumes antigos	Como eram as celebrações (Natal, Páscoa, aniversário, Ano Novo) em família? Lembras de ter ganhado algum presente marcante? O que fazias nas férias? Onde passavas as férias? Lembras de alguma viagem? Para onde foste? O que fizeste? Já correste algum risco de vida? Se sim: Qual? Se não: Conheces alguém que já correu?
Vida afetiva	Tens algum relacionamento afetivo? Como conhecestes teu marido/esposa/namorado(a)? Como foi o namoro/casamento?
Comportamento	Como vivem os jovens hoje? Como é seu comportamento em relação aos pais/trabalho/namoro/estudo? Qual é a tua opinião sobre a descriminalização do uso das drogas? O que te parece o comportamento de certas pessoas em público ao falar ao celular/fumar/transitar com animais de estimação/não usar fones de ouvido no ônibus? O que achas de eventos como a “parada LGBT”, o “acampamento farroupilha” e o movimento separatista “o sul é meu país”, tu participas? Sabes de alguém que participe? O que te chama atenção nesses eventos e movimentos? São válidos como cultura ou manifestação
Violência	Tu achas <i>Porto Alegre</i> violenta? Na tua opinião, quais são as causas da violência? O que se poderia fazer a respeito?
Política	O que achas dos políticos brasileiros em geral? Há algum que te chame atenção por seu bom exemplo/mau exemplo? Quem?
Meios de comunicação	Assistes a TV? Que programas? Ouves rádio? Quais? O que achas dos programas?
Computador/ Web	Usas Internet (computador/smartphone/tablet)? Quando/para quê?